



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

EU FANTÁSTICA: UM AUTORRETRATO FICCIONAL

Rafaela da Silveira Giavoni

BRASÍLIA

2021

RAFAELA DA SILVEIRA GIAVONI

EU FANTÁSTICA: UM AUTORRETRATO FICCIONAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado no Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da UnB. como requisito parcial para a conclusão de Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientadora: Professora Mestra Adriana Ferreira Coelho Lodi.

BRASÍLIA

2021

Dedico este trabalho ao passado, ao presente, mas, principalmente, ao futuro.

Dedico, também, à minha Titi, que tanto gostava de ser acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço enormemente à Universidade de Brasília e ao Departamento de Artes Cênicas por terem sido um espaço de muitas trocas potentes, de aprendizados profundos e de descobertas maravilhosas, onde eu encontrei professores e colegas extraordinários que me provocaram a me experienciar e a ser um ser humano mais sensível e complexo.

Obrigada aos meus professores: Fernando Villar, Cyntia Carla, César Lignelli, Giselle Rodrigues de Brito, Graça Veloso, Iain Mott, Márcia Duarte, Nitza Tenenblat, Rita de Cássia de Almeida Castro, Sonia Paiva, Soraia Maria Silva, Sulian Vieira, Vann Porath e tantos outros. Em especial à Simone Reis, que me provocou como orientadora no início deste processo.

Um agradecimento mais que especial para a minha queridíssima orientadora, Adriana Lodi. À ela que segurou forte na minha mão, que nunca deixou de ser sensível, provocadora, carinhosa e extremamente sábia. À ela que surgiu na minha vida em um instante divino e que embarcou nessa aventura ao meu lado sem nunca ter me visto pessoalmente. Muito obrigada!

Um agradecimento aos meus queridos pais, que me apoiam e me estruturam, que me amam e me cuidam, que me engrandecem e me inspiram. Também aos meus familiares, que sempre estiveram ao meu lado e que me asseguram que sempre estarão.

Um agradecimento aos meus amigos amados do Cresça, do Maristão, e da UnB, que me amam, me seguram, me divertem e me apoiam. Em especial ao Ramon, que releu este texto inúmeras vezes, que fez a minha comida enquanto escrevia, que me deu um ombro pra chorar nos momentos de surto, que me assegurou que eu era capaz e que comemorou comigo quando eu decidi entregar este trabalho, mesmo ele estando imperfeito.

Enfim, um agradecimento à mim mesma, que superou muitas dificuldades, que enfrentou desafios, que se propôs a crescer, que acreditou em seu potencial e que está pronta para uma nova aventura. Este é um momento de celebração! Viva!

"Quanto mais tento ouvir-me e estar atento ao que experimento no meu íntimo, quanto mais procuro ampliar esta mesma atitude de escuta dos outros, maior respeito sinto pelos complexos processos da vida."

Carl R. Rogers (1971)

"A matéria da performance é a vida, seja do espectador, do artista, ou ambas"

Eduardo Flores (2008)

RESUMO

Este trabalho, escrito em primeira pessoa, parte do conceito de autobiografia ficcional para pensar e desenvolver uma metodologia de criação de autorretratos. Inicialmente vou delinear aspectos pessoais da minha trajetória de formação em busca de desenhar um percurso de modo que possa dialogar com a educação e com as artes performáticas. A noção de autobiografia aqui desenvolvida não é a literária, mas sim aquela que se estabelece como ponto de partida de processos criativos autoficcionais. Isto é, como abordar as potências criativas, pedagógicas, ficcionais e performáticas ao experimentar a autobiografia como mote criador? Procurarei estabelecer um paralelo, entre o realismo fantástico e a performance arte, em uma tangente dissonante e insólita, que possa acionar a criação estética de autorretratos e que será desenvolvida no relato da oficina *Eu Fantástico*, realizada durante a pesquisa. As definições de performance são apresentadas aqui a partir dos entendimentos de Eleonora Fabião e Ana Bernstein. Metodologicamente fricciono a relação do eu-mundo e da realidade-fantasia e dialogo sobre as noções de identidade (Manuel Castells e Djamilia Ribeiro) e assunção (Paulo Freire) para constituir um mapa referencial que sustenta as experiências pedagógicas e artísticas desenvolvidas no trabalho. Como a nossa capacidade inventiva percebe a fantasia e pode ser uma potência trans-formadora em uma realidade fraturada? Os autorretratos são autoficcionais, fantásticos e performáticos, buscam, através de experiências estéticas, abrir espaço para questionamentos acerca de estruturas hierárquicas de poder.

Palavras-Chave: autobiografia, autoficção, Realismo Fantástico, performance arte, autorretrato.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Eu e Mundo.....	12
Desenhos 13, 14, 15 , -autorretratos.....	47
Figura 19 - QR Code para acessar @remendietaproject.....	49
Figura 20 - QR Code para acessar @rekeepsmlingproject.....	49
Cartaz 36 - Oficina - Eu Fantástico.....	77
Imagem 37 - Mapa Imagético da Identidade I.....	80
Imagem 38 - Mapa Imagético da Identidade II.....	81

LISTA DE FOTOS

Foto 2 - Fundo do Cresça, 2001.....	26
Foto 3 - Parquinho do Cresça, 2002.....	27
Foto 4 - apresentação de terror com minhas amigas.....	30
Fotos 5 e 6 - no Cresça com as amigas, 2010 e 2011.....	32
Foto 7 - <i>Alice in Wonderland</i> no <i>Red Ballon</i>	34
Foto 8 - Gincana do Cresça com as amigas.....	35
Foto 9 - Formatura do Cresça com as amigas.....	36
Foto 10 - <i>Liberdade, Liberdade</i> no Maristão.....	38
Fotos 11, 12 - autorretratos da adolescência.....	46
Fotos 16, 17, 18 - fotoperformance Remendieta Project.....	48
Fotos 21, 12 - autorretratos dentro de casa.....	51
Fotos 23, 24 - autorretratos no isolamento social.....	53
Fotos 25, 26, 27, 28, 29, 30 - autorretrato realidades fraturadas.....	54
Fotos 31, 32, 33, 34 - autorretratos para <i>Lixomania</i>	55
Foto 35 - autorretrato dos três peitos.....	66
Foto 39, 40, 41 e 42 - autorretratos dos participantes.....	83

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: EU E O MUNDO; REALIDADE E FANTASIA	10
1.1 REINTRODUÇÃO DO CORAÇÃO AUTOMÁTICO	19
2 BREVE CONTEXTO AUTOBIOGRÁFICO: EU E O APRENDIZADO	21
2.1 ESCOLAS.....	25
UMA CRIA - MUSA PÂNDEGA	39
3 DELINEANDO A AUTOBIOGRAFIA E A AUTOFICÇÃO	40
3.1 “AS OUTRAS GAROTAS”	43
3.2 AUTORRETRATOS.....	45
DUAS CRIAS - ROMÂNTICA AÇUCARADA	57
4 A EXPERIÊNCIA FANTÁSTICA NA PERFORMANCE ARTE: UM PARALELO COM GABRIEL GARCIA MARQUEZ	58
TRÊS CRIAS - POETA SALGADA	69
5 MINHA TRAJETÓRIA NA LICENCIATURA	69
5.1 OFICINA EU FANTÁSTICO.....	76
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91

1 INTRODUÇÃO

Indissociabilidade entre o Eu e o Mundo ; o Real e o Fantástico.

Assisti a um filme¹ que dizia ser impossível a coexistência da realidade e da fantasia. Ele partia do pressuposto de que são palavras antônimas e que a existência de uma, anula a outra. Compreendo a coerência de tal idéia, contudo, não me conformo. A fantasia é descrita, no dicionário, como “faculdade criadora pela qual o homem (substituiremos homem por ser humano) inventa ou evoca imagens por meio da imaginação”.² Nós, seres humanos, existimos nesta realidade e somos, por assim existir, capazes de inventar.

Tal capacidade inventiva materializa, constantemente, artefatos e comportamentos com aspecto de impossível. Os céus eram pros pássaros, os alto-mares para os peixes, e o espaço sideral era um sonho inatingível. Eram fantasias que tomaram forma na realidade. Quero dizer, lidamos com uma espécie de fantástico cotidianamente, só não nos atentamos para tal.

Por que, então, não nos apropriamos de tal faculdade criadora e assumimos como prática, a fantasia? Apenas os inventores inventam? Apenas os úteros criam? Como exprimir para o mundo o que de fantástico nos habita?

Minha resposta é: arte. Para mim, a arte flerta com o fantástico. Artistas flertam com o fantástico. Eu flerto com o fantástico. E o fantástico flerta comigo - temos um caso de amor, eu e ele. E espero que assim seja, até o dia em que eu morrer. Porque algo há de diferente entre os aviões e as performances de Marina Abramovic³. O avião se tornou uma realidade que tem par com as noções de utilidade, mas a arte, escapa. Foge dos limites das coisas mais práticas e se desloca a um lugar menos palpável, mais subjetivo, um lugar de afeto.

Qual a utilidade de se sentar, por horas dos dias e dias de meses, de frente para um desconhecido e não trocar uma palavra sequer? Em deixar que o encontro de olhos, antes nunca cruzados, permaneça pousado por um tempo

¹ *The Discovery*, Charlie McDowell, 2017.

² <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fantasia>

³ Marina Abramovic é uma *performer* Sérvia, nascida no ano de 1946. Ela iniciou sua carreira no início da década de 1970 e seu trabalho explora os limites do corpo e da mente.

fantástico, além daquele esperado para uma primeira troca de olhares? Por que pessoas choram e se emocionam com a simples ação de, cruamente, se encarar alguém? Marina Abramovic nos mostra o transbordar da utilidade e a transformação por uma experiência de afeto ao realizar a performance *The Artist Is Present*⁴. Ela demonstra como a arte, fantástica, se estabelece no cotidiano e possibilita um respiro de fantasia, oxigena um interior, às vezes, adormecido, de percepção da realidade. A arte flerta conosco e nos borbulha o estômago.

A sua importância se faz de maneira pouco óbvia e há quem tente opinar, tratando-a como dispensável. É, além do mais, conveniente dispensar a arte quando não se querem pessoas críticas, pensantes, questionadoras, lúdicas, criativas, sensíveis e afetuosas. Quando não querem pessoas que percebem a capacidade que temos de interagir com o mundo e, assim, afetá-lo, transformando-o.

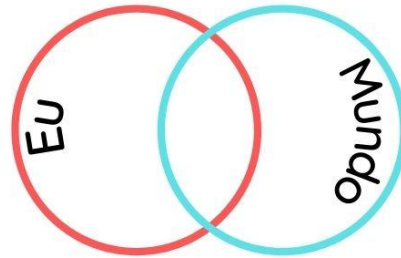
Não é à toa que artistas sejam censurados por governos autoritários, que filmes tenham a capacidade de influenciar gerações, que os mesmos livros fertilizem o imaginário de inúmeras pessoas ao redor do mundo, que um retrato mobilize milhões de dólares e que músicas populares sejam utilizadas como hinos de guerra em revoluções. A arte tem poder.

Justamente por se relacionar diretamente com a realidade. E, além, por mostrar outras maneiras das quais a realidade poderia e pode se transformar. Ou ainda, por mostrar realidades distintas, tangentes, simultâneas, as realidades de cada um. Como isso nos impacta de maneira subjetiva e coletiva me interessa neste trabalho. Como se inspirar em tal noção inventiva e, principalmente, criadora da fantasia para afetar a realidade pessoal e geral é algo que procurarei discorrer sobre.

Para tal acredito ser importante abordar duas esferas que, de maneira muito íntima, estão diretamente conectadas. A primeira é o Eu. A segunda é o Mundo.

⁴ Performance chamada *The Artist Is Present*, no MoMA de Nova York, 2010. Consiste no posicionamento de duas cadeiras, uma de frente para outra. Marina senta em uma extremidade sem realizar nenhuma ação além de olhar para a pessoa que se propõe sentar à sua frente. A performance durou cerca de 3 meses, e Marina se sentava por 8 horas ao dia.

Figura 1 - Eu e Mundo



Fonte: feita pela autora

A maneira como cada ser humano interage com a realidade e a fantasia é única, afinal, somos todos únicos. Nossas experiências com o mundo e a vida se diferem, por mais similares que sejam, e nossa identidade é forjada por estímulos, vivências, organizações, instituições, por tudo àquilo que percebemos fora, por tudo àquilo que nos afeta dentro. A esfera do Eu, neste trabalho, transcorre, portanto, a noção de identidade, mas também, as noções de assunção e de autobiografia. Trarei Manuel Castells, Paulo Freire, Djamila Ribeiro e Ana Bernstein para dialogar sobre estes temas.

“Entendemos a identidade como um núcleo resistente à homogeneização e que pode ser semente de transformações socioculturais⁵.” (p. 2) Apesar de nem todas as identidades caminharem pelos trajetos das transformações.

A assunção, segundo Paulo Freire, se relaciona com a capacidade de nos reconhecermos e de nos assumirmos para o mundo. Revisitando, por um processo pedagógico, aquilo que nos constitui - como nossa ancestralidade, nossa etnia, nossa nacionalidade, nossa realidade sócio-econômica, nossa sexualidade, nosso gênero.

⁵ Por Ruth Correa Leite Cardoso, antropóloga e professora universitária brasileira, Prefácio, pág. 2, do livro *O Poder da Identidade*, Vol. II.

E a autobiografia, como pretendo explorar, se estabelece como uma procura metodológica para a compreensão de tais noções - identidade e assunção - de maneira pedagógica e prática. A auto-pesquisa, inerente à autobiografia, acessa caminhos questionadores ao refletirmos sobre nossas trajetórias, ancestralidades, sexualidades... nos permite entrar em contato com aspectos diretamente relacionados à constituição de nossa identidade.

Como arte-educadora, a autobiografia também possui uma outra vertente: a busca de uma metodologia para a criação artística. Metodologia tal que agrego em meus próprios trabalhos e criações. Metodologia que não se importa com resultados fixos ou literais, mas sim, com a auto-pesquisa criativa, com o auto-olhar investigativo e crítico.

Exploro a autobiografia neste trabalho sob um olhar de primeira pessoa, buscando trazer para a superfície, questões importantes para o meu desenvolvimento pessoal, artístico e acadêmico. Transcorro sobre a minha vida, do meu nascimento ao momento atual, dando enfoque ao meu percurso no meio educacional e a pontos que permeiam, fortemente, meus trabalhos e minha expressão individual. Diálogo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como embasamento para reflexões da minha experiência educacional. O que constitui minha identidade? Como desenvolvi as ideias para esta monografia? Como é o meu Eu Fantástico? Como pretendo ampliar minhas perspectivas individuais a um coletivo, como arte-educadora e provocadora?

Mas, apenas a autobiografia, como mote criador, não abarca todas as necessidades pedagógicas e criativas que pretendo destrinchar. Neste sentido, evoco também a autoficção como liberdade poética e fantástica para com a nossa própria realidade. A autoficção se coloca como possibilidade, como liberdade e como questionamento. Dialogando com Evando Nascimento⁶ em seu texto *Autoficção como dispositivo: alterifacções*: a autoficção viria para gerar a perturbação identificatória do eu autobiográfico [...] instalando-se como dúvida estética e existencial entre o eu verdadeiro e o ficcional. (p. 615)

⁶ Escritor, ensaísta, artista visual e professor universitário baiano.

Como pode ser interessante fantasiar sobre acontecimentos pontuais e esculpi-los de maneira tal que nos agregue artisticamente? A autoficção rompe com o pacto autobiográfico, e desloca tal rompimento para a autobiografia, pois a autobiografia aqui não é a autobiografia literária, mas sim, uma autobiografia de processo, auto-pesquisa e auto-olhar. Como coloca Ana Bernstein em seu artigo *A Performance Solo e O Sujeito Autobiográfico*:

A autobiografia pressuporia, portanto, um contrato entre o autor e o leitor que deveria ser a afirmação, no texto, da identidade do nome próprio, da assinatura do autor, com o narrador e o protagonista (p. 93).

A autobiografia literária pressupõe um contrato de verdade sobre os fatos citados e sobre a relação entre leitor e autor, na qual percebemos a identidade do autor como sendo a mesma do protagonista e do narrador. Tal contrato se torna imprescindível ao lidar com tal expressão artística em formato de texto, mas ao pensar a autobiografia como método de criação, a existência da linha de divisão entre realidade e fantasia se borra e, algumas vezes, se torna irrelevante. Podemos até pensar na nebulosa relação entre memória e verdade, na subjetiva experiência dos acontecimentos e na transformação de tais acontecimentos ao longo dos anos. E a autoficção, como pontua Evando Nascimento, tem como relevância “representar um dispositivo que põe em causa os gêneros autobiográficos tradicionais.” (p. 612)

Em meus próprios relatos no primeiro capítulo deste trabalho, me atenho ao contrato de verdade, por estes relatos serem importantes para argumentos e noções destrinchados ao longo do texto. Atenho-me, porém, a sapiência de não saber, realmente, como os acontecimentos se deram e de me apoiar em memórias, lembranças, histórias e afetos. E é, justamente, isto que me interessa: a maneira como nos relacionamos e refletimos sobre nossas experiências e a percepção de como tais experiências nos afetam.

Porém, ao tratar da metodologia de criação, a autobiografia tece linhas perpendiculares e possibilita a total liberdade artística para com estas experiências. E é neste ponto que a autoficção toma um lugar muito especial. O lugar da invenção, da criação e, por conseguinte, da fantasia. Onde a fantasia e a realidade se cruzam?

Para adentrar mais neste tema, trarei, também, o gênero literário de nome realismo fantástico. É fazendo este paralelo que construirei uma ponte que permite a relação entre a esfera do Eu e a esfera do Mundo. O realismo fantástico escancara elementos muito específicos e gerais da nossa realidade, como o amor, a guerra, o ciúmes, o sexo... e flerta com as metáforas, hipérboles e eufemismos da fantasia. Inclusive, um dos escritores mais expoentes deste gênero, Gabriel Garcia Marquez, em seu livro *Cem Anos de Solidão*, traz muitos elementos de sua autobiografia e os transforma em fantasia, tal qual uma autoficção. No livro não o vemos como personagem, nem é possível identificar quais momentos são de sua própria experiência, mas ele se utiliza de seus afetos para a criação de situações, enredos e relações fictícias.

Faço um paralelo com o realismo fantástico por me interessar muito este gênero literário, mas também por perceber que a performance arte, me afeta de maneira similar a este gênero. Uma das grandes potências dessa expressão artística tão múltipla, é a de *escovar à contra-pêlo*, como coloca Eleonora Fabião em seu texto *Performance e Teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea*. É de permitir a abertura para uma experiência extracotidiana, e a partir dessa experiência, trans-formar, tanto o ambiente, quanto o espectador, quanto a performer. A performance arte é, em várias de suas manifestações, uma ação fantástica, por se estruturar em dissonâncias insólitas. Seja por desafiar os limites corpóreos do ser humano, seja pela mania extravagante ou minimalista, seja pelos elementos fora de contexto. A performance arte pode possuir tal capacidade inventiva que materializa, constantemente, artefatos e comportamentos com aspecto de impossível.

O próprio relato de uma ação performática tem gosto de realismo fantástico. Em *Cem Anos de Solidão*, Remédios, a bela, transparente de tão pálida, ascende em direção aos céus, iluminada, fazendo os lençóis de asas, pra nunca mais voltar⁷. Pelas ruas da Europa, Valie Export⁸ veste um modelo de palco italiano, com cortininhas e tudo mais, e incentiva transeuntes a tocarem em seus seios, nus, que se escondem por trás de tais cortininhas. Em *Cem Anos de Solidão*, José Arcádio Buendía, impressionado pela descoberta dos imãs, fica

⁷ p. 143 de *Cem Anos de Solidão* em PDF.

⁸ Artista austríaca, feminista, *performer*. *Performance Tap-und Tastkino*, 1968.

determinado de que tal invenção servia, também, para a retirada do ouro da terra, e durante vários meses, empenha-se em demonstrar o acerto de suas conjecturas⁹. Emily Jacir¹⁰, provida de um passaporte americano, se propõe a realizar desejos irrealizáveis de seus compatriotas palestinos, e assim, leva flores à um túmulo, joga futebol e paga uma conta.

A sonoridade onírica de tais relatos me remete à um embalo infantil. Me leva delicadamente a uma atmosfera que conheço como a palma da minha mão. Acorda algo adormecido, que habita o espaço entre a minha traqueia e o coração. Sinto essa sensação difícil de ser explicada, de textura leve e macia, que preenche o meu interior e dilata, mesmo que minimamente, as minhas pupilas. Me encantam e deslumbram as experiências com aspecto de impossível. Ao ouvi-las, perpasso toda uma década e me vejo, pequena, igualmente encantada e deslumbrada pelas novas descobertas, ou pela imaginação fantástica. Talvez, por me fazerem acreditar na possibilidade dos mistérios da vida serem palpáveis e reais. Por me fazerem, portanto, questionar a realidade e assim, acreditar que posso transformá-la.

Tanto as ações performativas, quanto o realismo fantástico, extrapolam, de alguma forma, a realidade cotidiana. A própria performance arte, como coloca Eleonora Fabião:

trata-se de buscar maneiras alternativas de lidar com o estabelecido, de experimentar estados psicofísicos alterados, de criar situações que disseminam dissonâncias diversas: dissonâncias de ordem econômica, emocional, biológica, ideológica, psicológica, espiritual, identitária, sexual, política, estética, social, racial... (2009, p. 3).

Baseada em aspectos da realidade, como questões identitárias, estéticas e sociais, a performance arte inventa maneiras, cria situações, ações e programas para ir além, com intuito, muitas vezes, de questionar e criticar a própria realidade. É neste sentido que vejo a performance arte como fantástica e, aqui, dialogo com Flávio García, Raphael Marco de Oliveira Carneiro e Ivan Marcos Ribeiro. E é, por tal motivo, que traço essa linha tangencial, que conecta a performance arte com o realismo fantástico. Ambos flertam com metáforas,

⁹ p. 6 de *Cem Anos de Solidão* em PDF.

¹⁰ Artista Palestiniã, performer, aborda, principalmente, questões étnicas, conflitos e guerras.

hipérboles e eufemismos, alargam e incrementam experiências cotidianas, principalmente de maneira estética.

Como essas experiências fantásticas nos afetam?

A performance arte é a linguagem que mais me identifico no meio das artes da cena e, como verão mais adiante neste trabalho, este tema foi se aproximando aos poucos em minha vida, até fazer total sentido, até me seduzir e afetar completamente. Também temos um caso de amor, eu e ela. Era preciso que a performance arte estrelasse o meu TCC. A metodologia autobiográfica, em meus trabalhos, é expressa através da performance e da performatividade. É a expressão artística que me agrada profundamente, por sua inteligência estética e conceitual, por sua característica questionadora, por sua vertente autobiográfica. Por, também, me dar uma sensação gostosa de liberdade e por me permitir agregar diferentes linguagens artísticas de maneira híbrida.

Atualmente, os autorretratos são a minha principal prática artística. Através de, principalmente, fotografias, busco explorar a relação entre a autoficção, o fantástico e a performatividade estética-conceitual. Arelada ao movimento feminista, sob uma perspectiva da metodologia interseccional¹¹ e anticapitalista, busco explorar a relação do meu corpo, da minha sexualidade, da transgressão do belo e da liberdade. Para tal, me atenho à metodologia de criação autobiográfica como o pontapé inicial, o que me aproxima dos meus desejos, vontades e necessidades, o que me ajuda a me assumir para o mundo e que, também, estrela alguns exercícios de criação. Me atenho à autoficção como possibilidade de ir além e de inventar, como o desapego às “verdades” e como provocação. Me atenho ao fantástico como experiência estética-conceitual, que, muitas vezes, extrapola o cotidiano no uso das cores, na decisão das maquiagens e dos figurinos, como também na escolha de possíveis objetos de cenas e situações. E à performatividade, que dialoga com o fantástico, e que

¹¹ Trazendo um trecho de Gabriela M. Kyrillos, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para a *Revista Estudos Feministas*, acerca da metodologia interseccional: [essa metodologia] pode ser entendida como uma ferramenta de análise que consegue dar conta de mais de uma de opressão simultânea. Com essa lente, os processos discriminatórios não são compreendidos isoladamente, nem se propõem uma mera adição de discriminações, mas sim, abraça-se a complexidade dos cruzamentos dos processos discriminatórios e a partir daí se busca compreender as condições específicas que deles decorre.

busca a afetação e trans-formação como “complicadora cultural”¹², ou seja, como evidenciadora de questionamentos.

Os questionamentos que busco evidenciar são aqueles relacionados à complexidade e profundidade das experiências e identidades. Na possibilidade múltipla de existência. Na capacidade de co-habitar diversos cenários e mundos. Na hiper-sexualização dos corpos e na transgressão sutil do belo.

O autorretrato abarca a concepção conceitual e estética da criação de uma obra, por você ser a idealizadora, e além, cria uma experiência particular, por ter como material, o seu próprio corpo. É uma obra na qual você participa da pré-produção, da produção e pós-produção de maneira autônoma, o que cria uma relação íntima com o processo de criação. O autorretrato evidencia o nosso poder de decisão, ao depender, apenas, da escolha individual de como se retratar. Possibilita salientar ou ocultar aspectos específicos do corpo e essa decisão depende, apenas, do próprio corpo. Possibilita, também, a inserção desse corpo em cenários e situações específicas, de maneiras específicas, fantásticas ou não. É uma linguagem de empoderamento, que auxilia no processo de assunção e expressão.

Acredito, portanto, na potência didática do autorretrato e foi pensando nisso que idealizei uma oficina de nome *Eu Fantástico*, na qual os participantes eram instigados a realizar dois autorretratos, um em formato de foto e outro em formato de vídeo.

A concepção dessa oficina surge a partir da necessidade de se ter mais experiência prática acerca dos temas que discorro neste trabalho. Ela aborda, portanto, a metodologia autobiográfica, a autoficção, o realismo fantástico, performance arte e noções como, identidade e assunção. Discorro em um dos capítulos sobre essa experiência, pontuando exercícios realizados durante a oficina, alguns materiais didáticos, avaliações e os autorretratos realizados pelos participantes.

Nos próximos capítulos, espero conseguir delinear tudo isto que escrevi na introdução, dialogando com pessoas fantásticas, reais e interessantíssimas, que

¹² Termo utilizado por Eleonora Fabião em seu Artigo *Poéticas e Políticas da Cena Contemporânea*, 2008.

me ajudam a estruturar, conceituar, embasar e refletir. Trago, também, pequenos textos autoficcionais e poéticos como respiros ao longo do texto. Mas antes...

1.1 REINTRODUÇÃO DO CORAÇÃO AUTOMÁTICO

Escrita Performativa Automática - escrevo este trecho sem parar e sem muito pensar, imbuída nos impulsos improvisacionais para tentar arrancar de mim aquilo que não sei dizer sem travar, sem me prender no pensamento movediço. Esse trecho se faz de pseudo introdução. Veremos o que acontece.

Ao me preparar para esta escrita, me lembrei de Graça Veloso, professor querido do departamento de Artes Cênicas da UnB, que nos propôs um exercício no início de sua matéria, Metodologia de Pesquisa em Artes Cênicas e Educação, que invocava palavras. Minha palavra foi AMOR e acho que, na essência, é sobre isto que eu quero falar. Amor à vida; amor à existência; amor à imaginação e à criatividade; amor ao próximo; amor ao aprendizado; amor próprio; amor às artes; amor ao ciclo; amor à quem se é. Eu amo muito, amo amar. Quero que as pessoas todas amem. Quero me dissolver em amor; em propósito e em arte. Dentro de mim, das minhas entranhas, refletida em minha escrita dramática, me percebo em sentidos. Sinto o mundo com uma sinestesia imaginativa. Me escrevo em realismo fantástico; me escrevo. Me pinto; me desenho; me fotografo. Sou encantada pelo ser. Pelo meu ser e pelo ser dos outros. Como é ver o mundo por olhos que não são meus? Como é escutar o mundo por ouvidos que não são meus? Como é sentir o mundo por uma pele que não é a minha? Como é cheirar o mundo através de outras narinas? Mas, principalmente, como é me ser? Já que não sou mais ninguém, além de mim mesma e de fragmentos de outras pessoas. Já que não penso com a cabeça de outro alguém, já que não amo com outro coração. Já que sou eu quem nasceu onde nasceu, com essa minha família, ocupando papel de filha da minha mãe, de sobrinha da minha tia. Já que sou eu quem ocupa este corpo, meu corpo. Já que sou eu quem deseja meus desejos e que aspira as minhas querências. Na vida, agora, eu quero me ser e saber quem eu sou. A autobiografia é um movimento de auto-pesquisa. Eu preciso visitar minha vida, preciso saber quem eu estou. Quais experiências me transformaram, quem importa, o que me constrói. Preciso respirar as minhas lembranças e mergulhar em saudosismos. Porque o tempo passa, as coisas acabam, se modificam; o mundo é

circular e se movimenta em ciclos. Me dói ver o que não volta mais. Me dói perceber que mais um ciclo se fecha. Mais uma porta se abre, e eu sigo em frente. A pressa do coelho do tempo me irrita. Me dá medo. Agora, inicio o começo de uma metade e de uma parte grossa da vida, quando penso na linha do tempo. Caminhos curtos me levaram; a infância acabou e me lembro de perceber o seu fim. A adolescência acabou e agora sou uma adulta. Tenho medo disso. Quero viver com a imaginação de criança. Não quero deixar de acreditar que tenho super poderes, ou que moro em castelos e que os animais conversam comigo, e que os vegetais sabem meu nome. Eu quero ser eternamente rebelde e imprudente como quando adolescente; mesmo isso sendo mentira. Eu quero meus pais para sempre. Eu quero meus amigos para sempre. Eu quero amar pra sempre. A vida adulta me passa uma sensação embriagada de existência. Eu quero uma existência inébria em possibilidades e imaginação. Eu quero uma existência digna de romances do Gabriel Garcia Marques. Colorida como quadros de Andy Warhol. Absolutamente cheia de emoção como um *Nocturne* de Chopin. Quero aproveitar cada cadência de acontecimentos. Cada soneto de poesia. Cada memória doce. Eu quero saber fazer tudo isso; expurgar pra fora o que me faz por dentro. Eu quero que os outros também o façam. Me entristece profundamente ver quem não tem paixão por si e por seus desejos. Eu quero gente desejosa de viver. Quero gente que saiba se perceber. Não há nada mais sexy do que uma pessoa que se conhece ou que se propõe se conhecer. Por isso a autobiografia. Que não basta por seu pacto realista. Por isso a autoficção; ou ainda, a autobiografia ficcional; ou ainda, o realismo fantástico. A imaginação precisa ser reconhecida como parte fundante da realidade. Imaginação e criatividade. Qual a graça de não se inventar? Qual a graça de perceber o mundo pelo o que ele é, sem dar seu toque? Eu quero tocar tudo aquilo que posso. Quero fazer pensar. A vida se inicia na vida, se encerra na morte. Não é mesmo? Não sei. Este TCC se inicia com a minha vida. Perpassa capítulos mais teóricos. Procuro entender e explicar o que entendo sobre autobiografia e autoficção. Porque o realismo fantástico faz este paralelo (interessantíssimo que eu adorei) em relação a performance arte. Se debruça sobre a educação e a aprendizagem. Eu procuro mostrar como a metodologia autobiográfica de produção artística/performativa e de prática de viver é engrandecedora à todes. Até se concluir em incertezas.

Fim da escrita performativa automática.

2 UM BREVE CONTEXTO AUTOBIOGRÁFICO

Eu e o aprendizado

Talvez, o início se dê pelo começo da vida. Um pouco antes do primeiro suspiro, ou do primeiro choro. Talvez, se dê pelo momento exato em que um espermatozóide encontra um óvulo maduro. O início, portanto, tende a se desabrochar a partir de uma performance. A partir de, pelo menos, dois corpos vivos que se movimentam, vibram, aquecem e se relacionam.

O meu início se deu por um casal apaixonado que queria ter um filho. Minha mãe, desacreditada de sua fertilidade, depois de meses tentando engravidar com um ovário a menos, decide, por fim, o método artificial. Por ironia do universo, semanas antes de sua consulta marcada, ela descobre que eu já era um amontoado de células se dividindo e se multiplicando dentro do seu corpo.

A gravidez se tornou complicada quando minha mãe desenvolveu uma diabetes inesperada e, logo no quinto mês, eu já dava sinal de querer nascer para o mundo. Acamada, comendo quantidades extravagantes de açaí e escutando música para bebês, ela ficou quieta, acalmando a minha ansiedade e a dela.

Quando eu nasci, aos nove meses e de parto natural, me esgueirando pelo canal vaginal de minha mãe, meu pai disse que eu era linda. Segundo eles, eu já olhava tudo ao meu redor, atenta ao novo mundo que surgia diante do meu corpinho pequeno, vermelho, desorientado e enrugado de recém nascida.

Eu fui a primeira criança da minha família e, por vários anos, a única. Recebia atenção dobrada de todos os meus tios e avós, que me paparicavam como se paparica o único bebê de uma família. Minha mãe parou de trabalhar e cuidava de mim a todo instante, com muito carinho e afeto. Éramos grudadas uma na outra, como se o cordão umbilical ainda nos conectasse, como se ela fosse uma extensão minha. Tamanho grude que mamei até os dois anos e nunca cheguei a engatinhar. Embasada em pilhas de livros sobre primeira infância, ela se preocupava minuciosamente com todos os estímulos que eu recebia, com tudo o que eu ingeria e com tudo o que eu externalizava. Se preocupava tanto que, ainda neném, desenvolvi uma crise extensa de brotoejas, por minha mãe ser

muito friorenta e me empacotar com roupinhas escaldantes. Precisou de uma consulta médica para me diagnosticar com calor.

Recentemente, re-assistimos a vários vídeos em que eu estou fazendo atividades absolutamente mundanas, como comer ou brincar, e minha mãe, às vezes rodeada pela minha família, torce, incentiva e se alegra pelo simples fato de eu estar viva e ser capaz de aprender, crescer e evoluir. É um presente poder se re-assistir e tentar se descobrir naquele corpo de criança. Me vejo ainda menor e sem vergonha de estar na frente da câmera, contando histórias de um livro que escrevi, mesmo sem saber de fato escrever. Uma pequena Rafa já embebida nas artes performáticas.

Meu pai, por outro lado, era mais responsável pelas atividades menos cuidadosas, como: me jogar para o alto, me mergulhar na piscina e fazer cócegas. E, mesmo sendo a minha mãe quem ficava o dia inteiro do meu lado, a minha primeira lembrança é com meu pai, trocando a minha fralda.

Outra característica fundante e especial da minha relação com ele é o transbordar da imaginação. Meu pai, quando não estava sendo chato, se transportava em brincadeira de criança; criava fortes imensos de almofada, era meu parceiro explorador das montanhas dos gorilas, era navegador de águas profundas com peixes enormes, e toupeira, assim como eu era, da época dos gigantes dinossauros. Ele me fazia acreditar em tudo o que eu queria e me incentivava a imaginar o máximo que eu podia. Características que me acompanham diariamente e que me constituem enquanto artista. A imaginação e a criatividade me circundam, por dentro e por fora, sem eu ao menos escolher ou decidir.

Nós três fomos crescendo juntos. Dançando como pessoas livres devem dançar, brigando como famílias brigam, cuidando um do outro como se cuida de quem se ama. Todo sábado na família do meu pai, todo domingo na família da minha mãe.

Aos sábados, eu explorava o jardim, colhia limão, comia salada, batucava na escada com meu avô, brincava de tocar piano com a minha avó, estourava pipoca no micro ondas, inventava brincadeiras de ação com a minha tia, e me apresentava no palco improvisado que, na verdade, era uma janela *bay window*

com uma cortina especial. Eu cabia certinho naquele palquinho e fazia a minha avó repetir incessantemente a seguinte frase: “E agora, com vocês.... Rafaela!”. Ela abria a cortina e eu cantava alguma música improvisada, uma, duas, três, dez vezes seguidas. Sempre agradecia no final, curvando meus joelhos e puxando minhas saias imaginárias.

Um dia, eu percebi que mais ninguém chamava meus parentes pelos nomes que eu chamava e entendi que poderia estar me comportando de maneira equivocada há tanto tempo. Então, vovó já não era mais vovó, era Cida. Titi não era mais Titi, mas Tuca. Vovô não era mais vovô, era José ou Giavoni. Na primeira oportunidade que tive, falei como todos os outros falavam. Me lembro de ser tão pequena que a mesa de jantar era centímetros e centímetros mais alta que eu. Todos gargalharam e eu não entendi o motivo. As diferenças que, evidentemente, me separavam dos adultos, não eram suficientemente óbvias ou, necessariamente, auto-explicativas. Não entendia quais eram as barreiras ou separações que, aparentemente, me integravam enquanto criança.

Aos domingos, eu nadava na piscina com meu pai, assistia televisão, tomava chá na mamadeira, ouvia as histórias da minha avó, ia ao supermercado com meu avô, ria com meus tios, misturava cores com a minha mãe, saltava janelas e brincava nos espelhos. Nessa época, minha mãe fazia exposições com os quadros absolutamente espontâneos e abstratos que ela pintava, cheios de colagens de jornais, grades de ferros e até tesouras grudadas com tinta. Minha tia, que é uma cantora de ópera aposentada, às vezes apresentava um canto lírico nos eventos de família e eu ficava fascinada com a maneira que ela performava. Eu me sentia absolutamente capaz de ser como ela.

Uma vez, depois de uma lindíssima apresentação na sala de estar, comemorando o aniversário do meu avô – ou de um primo distante – eu a expulsei do degrauzinho que improvisava um palco, abri os meus bracinhos e cantei notas altas, guturais, mundanas, nada talentosas, murmurando palavras de uma língua inexistente. Como Josefina, a rata cantora, eu me sentia capaz de cativar todas as inimagináveis plateias. Todos riram, mais uma vez, e eu não entendi porquê.

Assim, foram quase três anos, rodeada de muitos adultos e poucas crianças. Minhas memórias podem estar me traindo e provavelmente nem todos esses acontecimentos se deram nesse meio tempo. Algumas dessas histórias, eu não lembro por mim mesma, mas sei pelas bocas dos outros. Talvez, eu não tenha me sentido exatamente da maneira como me recordo. Mas, invariavelmente, é a sensação das memórias, feitas, construídas, vividas ou experienciadas que valem alguma coisa e que validam a própria vida. Até aqui, acredito ficar evidente alguns pontos que gostaria de evidenciar:

Primeiro: o carinho e a atenção da minha família, que nutre meu desenvolvimento.

Segundo: o meu contato com a arte, desde muito nova, seja por meio das apresentações na janela da minha avó, seja pelas noites dançadas com meus pais, seja pelos quadros da minha mãe, seja pelos batuques na escada com o meu avô, seja pelas histórias da minha avó.

Terceiro: a sensação de não me sentir diferente dos adultos, de me perceber absolutamente capaz e confiante em realizar as mesmas atividades que eles, da mesma maneira.

Quarto: a minha relação com a imaginação e a fantasia, componente fundante da minha expressão individual e artística.

Fazendo um paralelo com a minha graduação em Licenciatura, gostaria de evidenciar tais pontos por acreditar que a educação não se restringe ao ambiente escolar. Mas, sim, se estende a várias outras esferas da vida. A família se torna o primeiro contato da criança com a socialização e é responsável por incentivá-la a desenvolver-se. Me relaciono com Vygotski¹³ quando digo que o ambiente influencia diretamente no aprendizado. Percebo, portanto, os meus privilégios em ter nascido em uma família que se preocupa, desde o meu nascimento, com o meu desenvolvimento cognitivo, com a minha inserção artística e com a expressão da minha individualidade, me dando ouvidos e espaços propícios a isso. Não só se preocupa, como tem as condições de estar presente para tal.

¹³Teórico da psicologia histórico-cultural, contribuiu para os estudos da pedagogia na tangente do desenvolvimento cognitivo humano.

A fase que se estende do nascimento aos três anos é a fase em que mais nos desenvolvemos cognitivamente e fisicamente. É um momento que nos influencia para o resto da vida. Ter tido contato, desde cedo, com a imaginação, a fantasia, com a pintura, a música, a dança e as artes performativas, me levou a perceber o mundo artisticamente. Talvez, este contato precoce não seja o único componente a me fazer percorrer o caminho das artes, mas, com certeza, facilitou e engrandeceu a minha trajetória. Afinal, sempre foi uma possibilidade e uma escolha cabível. Sempre foi um horizonte alcançável, de um mundo redondo, sem fim.

Acredito, também, que o fato de me sentir capaz de agir como os adultos, inclusive sem saber fazer a distinção de nossas faixas etárias, é uma possível reação à maneira como eu era tratada com seriedade, mesmo nas brincadeiras. Minhas opiniões eram relevantes e eu me sentia incluída no ambiente familiar, como um membro ativo. A banalização da capacidade inventiva, criativa e compreensiva das crianças é um equívoco triste que nos tolhe a possibilidade de enxergar o mundo por olhos inovadores e fantásticos. Nas palavras de Carl R. Rogers¹⁴:

Raramente permitimos a nós mesmos compreender precisamente o que significa para essa pessoa o que ela está dizendo. Julgo que esta situação é provocada pelo fato da compreensão implicar um risco. Se me permito compreender, na realidade, uma outra pessoa, é possível que essa compreensão acarrete uma alteração. (p. 30).

O risco de se compreender o mundo sob o olhar de uma criança, é o risco de se questionar a realidade e de se permitir encará-la de maneira transformadora. Afinal, após alguns anos, aqueles artefatos e comportamentos com aspecto de impossível se tornam comuns e banais. A criança está em constante movimento criativo, imaginativo e fantástico. Está em fluxo de se perceber perante ao novo mundo e de perceber o mundo perante a si. Mundo este, absolutamente cheio de maravilhas inimagináveis. Se deixar compreender as crianças implica o risco de perceber as infinitas possibilidades, as belezas escondidas e as injustiças escancaradas. Como artistas, temos um pouco de

¹⁴ Psicólogo, pesquisador e professor estadunidense.

criança e como criança temos um pouco de artista. Lá atrás, o incentivo da minha família alargou este fluxo e movimento à minha vida adulta.

A família, porém, não é a única contribuinte do desenvolvimento pessoal e educativo, a escola tem papel fundamental, inclusive, na inserção da criança numa esfera social mais extensa. A seguir, portanto, escorregaremos em uma nova fase, a escola.

2.1 ESCOLAS

Um momento importantíssimo da minha existência é o instante exato em que eu, e, principalmente, a minha mãe, decidimos me matricular na escola Cresça.

Situada no plano piloto, precisamente na quadra de número 903, Cresça é uma escola particular que aceita estudantes do ensino infantil ao ensino fundamental 2. Na minha época, duas enormes árvores frondosas cresciam dentro de seus portões. A cantina era feita de ônibus, pintada, colorida e sem rodas. Um parquinho enorme dividia os pátios principais, que serviam de área comum para convivência entre os estudantes de todas as idades. Pedras portuguesas formavam um mosaico, do chão da entrada até um muro de lápis gigantes e chuveirinhos para os dias de calor. Nos fundos, uma quadra de esportes, um espaço que tomou muitos formatos e uma piscina criavam uma área de muitas possibilidades. Como jogar balões d'água.

Foto 2 - Fundo do Cresça



Fonte: arquivo pessoal, 2001

Talvez não existam experiências perfeitas e essa, com certeza, não é uma delas. Independentemente das utópicas perfeições que buscamos por aí, o momento em que tomamos essa decisão, entre tantas outras que podíamos tomar, desencadeou uma sucessão de belos acontecimentos.

Foi no Cresça que eu expandi meu ciclo de convivência e entendi que existem outras pessoas para além de mim e da minha família, foi no Cresça que eu tive meu primeiro contato com o Teatro, foi no Cresça que eu consolidei fortes amizades, foi no Cresça que eu me senti suficientemente livre para me expressar da maneira como eu queria, foi no Cresça que eu desenvolvi um senso de comunidade, foi no Cresça que minha imaginação alcançou limites extraordinários e foi no Cresça que eu comecei a entender minhas potências e minhas habilidades.

Foto 3 - parquinho do Cresça



Fonte: arquivo pessoa, 2002

Comecei minha jornada nesta escola aos três anos. Minha mãe voltou a trabalhar e eu estudava pela manhã (o que não durou muito, já que nunca fui boa em acordar cedo). A todo momento, sentia a vibração e o fascínio do aprendizado, do encontro com o desconhecido, por estar inserida em uma nova e alargada realidade. Tenho muitas lembranças desta época, mas, procuro aqui, ser breve. E, portanto, procuro aquelas lembranças relacionadas às artes performáticas e pulamos alguns anos no futuro.

Foi no meu sexto ano de vida, durante a alfabetização, que eu fiz a minha primeira apresentação de teatro da vida. A estreia da peça foi no dia da nossa formatura do ensino infantil. Confesso que não me lembro de detalhes, mas, conversando com meus pais à pouco tempo atrás, me recordei de uma querida lembrança que estava adormecida. Para contá-la preciso explicar que o maior presente que ganhei da minha experiência enquanto aluna da escola Cresça, não tem muito a ver com a escola em si. Mas, sim, com as pessoas que experienciaram o Cresça comigo. Por pura sorte, não só eu era amiga dos meus colegas, como meus pais e os pais dos meus colegas se tornaram muito amigos. Fico, inclusive, muitíssimo emocionada em falar sobre isso e é com lágrimas nos olhos que escrevo esse trecho. Foi nessa época que eu ganhei uma nova família.

Para comemorar a nossa formatura, nossos pais se uniram e ensaiaram uma peça. Eles relembrou a própria infância, se vestiram como crianças e subiram ao palco andando de skate, brincando de boneca, bamboleando de maria-chiquinha. Lembro do fascínio de vê-los no palco, celebrando a infância. Mas, o que lembro com imenso carinho, é da diversão que emanava de seus corpos brincantes e é esta mesma sensação que levo como representação de toda essa época da educação infantil.

Essa fase de minha vida se caracteriza, principalmente, pela expansão do meu ciclo social, pela conexão com outras pessoas e pelo contato mais direto com outras crianças. Se caracteriza, também, pelo fascínio de descobrir o mundo, de aprender, pela curiosidade imensa e pelo meu primeiro contato com o palco. Foi uma fase marcada pelo distanciamento da relação com a minha mãe, por ela voltar a trabalhar e eu passar mais tempo na escola, e pelo gradual apagamento

da minha sensação de protagonista, já que não era mais a única criança. Fui percebendo, aos poucos, as individualidades e as diferenças.

A educação infantil, normalmente, é uma fase escolar que incentiva o desenvolvimento cognitivo, psicossocial e artístico, por ser uma fase que os conteúdos curriculares se estendem a um propósito mais amplo e menos específico. Quero dizer com isso que, os conteúdos trabalhados não são separados por áreas do conhecimento determinadas, como geografia, ou matemática, mas, sim, se misturam em experiências mais práticas. A Base Nacional Comum Curricular, BNCC, por exemplo, determina que existem cinco campos de experiência a serem trabalhados durante a educação infantil. Esses são:

- O eu, o outro e o nós;
- Corpo, gestos e movimentos;
- Traços, sons, cores e formas;
- Escuta, fala, pensamento e imaginação;
- Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Me sinto contemplada pela minha experiência na educação infantil e acredito que fui positivamente influenciada durante essa fase da minha vida escolar. Percebo ter experienciado todos os pontos trazidos pela BNCC, por meio de atividades prazerosas, que me incentivavam cotidianamente a me desenvolver enquanto ser humano. Fazendo o que de melhor havia para ser feito: desenhando, brincando, ouvindo histórias, cantando músicas, fazendo teatro e criando relações deliciosas.

Tais atividades também se estenderam para a nova etapa escolar, o ensino fundamental 1, mas, agora, com matérias divididas por áreas do conhecimento e alguns fatores diferentes do ramo das praticidades.

O início dessa nova fase se dá por um baque da passagem de tempo, por algumas mudanças práticas, sutis, geográficas e regulamentares. O ensino fundamental se localizava em outra área da escola, já não podíamos brincar no parquinho e a divisão por matérias foi escancarando certos aspectos sobre mim,

como o fato de eu não gostar tanto de matemática e o fato de eu adorar as aulas de artes!

A imaginação foi, também, tomando proporções megalomaniacas, principalmente nos primeiros dois anos. Eu voava em dragões imaginários, descobria os poderes mágicos que meus amigos eram dotados, habitava um castelo enorme localizado na camada de ozônio e acreditava, profundamente, ser uma personagem de história em quadrinho, que dominava o elemento ar e tinha ascendência chinesa - usei, por tanto acreditar, um óculos de natação na cabeça, por quase um ano, inspirada na aparência de tal personagem.

E nessa jornada da imaginação, nunca estive sozinha. Minhas amigas e fiéis escudeiras também compartilhavam de tal habilidade inventiva e passávamos horas habitando realidades paralelas, traçando planos e lutando contra inimigos metamorfos. Éramos filhas de rainhas, amigas de unicórnios, guerreiras da batalha na floresta e namoradas de pessoas inexistentes.

Foto 4 - apresentação de terror com minhas amigas¹⁵



Fonte: arquivo pessoal, 2008

¹⁵ Vemos: eu, Chiara e Jade de vampiras; Sofia de fada e Marcela de bruxa.

As aulas de teatro, que fazíamos na escola duas vezes por semana, pareciam uma extensão dessa vontade de imaginação. Alí, ano após ano, fui encontrando o meu lugar de pertencimento. Eu me encaixava nos exercícios de improvisação, nos ensaios da peça, nas marcações de movimento. Me dedicava de corpo e alma, e por me sentir segura naquele ambiente, não me importava em experimentar vozes, sotaques, emoções e sentimentos.

O teatro, desde esse início, também simbolizava para mim: união, encontro, socialização e diversão. Já era, sem dúvida, um espaço de liberdade, onde eu rememorava aspectos aparentemente essenciais à minha pessoa. Aspectos que remetiam, por exemplo, àquela lembrança de me apresentar na janela *bay window* da minha avó. Trago este trecho da BNCC acerca do ensino fundamental 1, para apontar como acredito ter sido fundamental o encontro com o teatro durante essa fase da minha vida, encontro este, possibilitado pela escola, como atividade extracurricular obrigatória:

As características dessa faixa etária demandam um trabalho no ambiente escolar que se organize em torno dos interesses manifestos pelas crianças, de suas vivências mais imediatas para que, com base nessas vivências, elas possam, progressivamente, ampliar essa compreensão, o que se dá pela mobilização de operações cognitivas cada vez mais complexas e pela sensibilidade para apreender o mundo, expressar-se sobre ele e nele atuar. (p. 58)

Os meus interesses rodeavam os encontros, a curiosidade, a imaginação e àquelas atividades que cresci explorando, dos ramos mais sutis e pouco práticos. A aula de teatro foi imprescindível para concatenar esses interesses, para me ajudar a me expressar, para entender a mim e ao mundo e para possibilitar o meu processo de assunção.

Vamos, então, para o ensino fundamental 2, marcado pelo fim da infância, pelo confronto com a complexidade dos corpos, dos amores, das atrações e das sexualidades, pela maior expansão dos ciclos sociais, pelo início das provas escolares e das várias professoras, pelo crescimento de sentimentos confusos, dignos de uma adolescência corriqueira.

Esses quatro anos parecem quase uma vida inteira. Tantas coisas aconteceram e quantas mudanças acometeram a mim, à minha compreensão de mundo, às minhas relações e à escola. Poderia escrever páginas extensas sobre

as lembranças que tenho desta época e sobre os sonhos que, volta e meia, me vem à cabeça inconsciente. Sinto uma falta monumental dessa rotina em que via meus amigos queridos e aquelas professoras amadas, por mais que tivesse que acordar cedo, por mais que me irritasse a necessidade dos deveres de casa, por mais que algumas aulas fossem entediadas. A cada ano me sentia mais pertencente e mais segura, mesmo sofrendo as inseguranças e temores sociais típicos da adolescência.

Fotos 5 e 6 - no Cresça com as amigas¹⁶



Fonte: arquivo pessoal, 2010 e 2011.

¹⁶ Vemos: eu, Jade, Marcela, Chiara, Sofia e Sarah.

A imaginação se distanciou um pouco dos dragões e dos super-poderes, mas se aproximou das viagens no tempo, das possíveis bandas de rock que poderíamos formar e dos amores românticos que nos aguardavam. A imaginação também se alongou aos livros, desenhos, poesias e redações. Ao mesmo tempo que mais fantásticas, mais reais.

E a vida, nessa época, começou a escancarar alguns dos aspectos mais belos - como o beijo de língua, como o sentimento avassalador do primeiro amor, como a certeza da solidez de uma amizade - e alguns aspectos nada deslumbrantes da realidade - como a sexualização dos corpos, como a desigualdade entre gêneros, como algumas regras infundadas, como as expectativas sociais e a burocracia interminável. Foi nessa época que o mundo deixou de ser cor-de-rosa e se tornou vermelho sangue-de-menstruação.

No sexto ano fiz minha última peça no Cresça (nos próximos anos tivemos aula de percussão e artes visuais ao invés das aulas de teatro). Foi no mesmo ano (2010), porém, que eu comecei a frequentar a escola de inglês *Red Ballon*, onde continuei a ter contato com os palcos, através do *Drama Class*, que eram aulas de teatro em inglês. A cada fim de ano, apresentávamos alguma releitura de algum grande filme, como *Shrek*, *Escola de Rock*, *A Noiva Cadáver* e *Alice no País das Maravilhas*. Confesso que este não é o meu tipo preferido de teatro, mas era extremamente divertido ensaiar para essas peças. Comecei a ter contato com outro tipo de produção, com outro tipo de palco (com tablado, cortinas de veludo, coxias, camarins e cadeiras numeradas), com outro tipo de figurino e com outras pessoas, de várias idades. Essa experiência me foi interessante por perceber a minha evolução ao longo dos anos e por perceber como se sentir segura no ambiente, te faz mais confiante para experimentar. No início, por estar em um espaço novo e desconhecido, sentia vergonha e me sentia insegura. Ao passar do tempo, comecei a me sentir pertencente e mais confortável. Cada vez mais autônoma.

Foto 7 - Alice in Wonderland no Red Ballon



Fonte: arquivo pessoal, 2014

E pensando na autonomia, algo que julgo importante e que abordo ao pensar os autorretratos, trago, mais uma vez, a BNCC, agora referente aos anos finais do ensino fundamental:

[...] é importante fortalecer a autonomia desses adolescentes, oferecendo-lhes condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação. (p. 60)

A experiência no Cresça me foi muito engrandecedora nesse sentido. A escola nos considerava parte fundante do cotidiano escolar e éramos constantemente trazidos à algumas discussões acerca de fatores que nos afetariam enquanto estudantes. Votávamos, reclamávamos, contestávamos e elogiávamos. Éramos, afinal, indivíduos dotados de profundidades e complexidades aos olhos da escola, e não números de uma chamada, ou erros e acertos, sucessos e fracassos. Vivíamos para além do conteúdos e das matérias.

Me lembro com tanto carinho das gincanas, dos trotes em que nos fantasiávamos todas as sextas-feiras, das aulas de arte e dos shows de talento.

Foto 8 - Gincana do Cresça com as amigas



Fonte: arquivo pessoal, 2011.

Sofri por antecedência o seu fim. Chorei antes da hora, me esforcei ao máximo para tirar fotografias de memória daquele lugar e daquelas pessoas. Fizemos uma viagem de formatura e uma festança com todos que fizeram parte dessa história. Fui oradora da colação de grau e adoraria dispor o discurso aqui, mas não consigo encontrá-lo. Sei que tive dificuldades de o discursar, de tanto lacrimejar vendo tantas pessoas queridas sentadas à minha frente - colegas, pais, professoras, coordenadoras, funcionárias - sem saber se voltaria a vê-las novamente. Vamos, então, ao Ensino Médio.

Foto 9 - Formatura do Cresça com as amigas¹⁷



Fonte: arquivo pessoal

Entre todas as escolas que visitei, nenhuma me chamou mais a atenção do que o Maristão, na 615 da Asa Sul. Na época, era uma escola infinitamente grande (comparada à minha experiência no Cresça), cheia de salas, pátios, quadras, teatros, entradas, professores e alunos. E isso me encantava! O Maristão possibilitava a feitura de várias atividades extra-curriculares, como o teatro e o canto coral, e não era tão rígido em relação aos uniformes e à conduta disciplinar. Eu não queria, de jeito maneira, estudar em uma escola demasiadamente rígida e militar nas relações. Queria estudar em uma escola que incentivasse as artes, os esportes e as diferenças. E foi neste ponto que o Maristão me seduziu, com as suas sextas-feiras de apresentações musicais, os shows da semana de música mpb, os murais pintados pelos alunos e as gincanas megalomaníacas e sensacionais.

O Maristão foi, de fato, uma experiência bem diferente do Cresça, em questões didáticas e em questões institucionais. Os alunos, em sua maioria, vinham de lugares diferentes, tinham posições políticas diferentes, condições financeiras diferentes, interesses diferentes, desejos diferentes e eram de bolhas diferentes. Os professores, mais uma vez, também eram, em sua maioria, bem diferentes. Ainda assim, gostei de muitas experiências, muitos alunos e muitos professores! E também desgostei de vários outros.

¹⁷ Vemos: Eu, Marcela, Chiara, Sofia, Sarah, Jade e Bárbara.

Logo de antemão, trago o fato de que tive o prazer de fazer teatro com Simone Marcelo¹⁸, em todos os anos que estudei no Maristão. Essa atividade me fez valorizar, em muito, a minha experiência do Ensino Médio, que me sufocava com as infinitas matérias e com a pressão avassaladora do vestibular.

Nas aulas de teatro eu libertava uma amostra dos meus monstros, gargalhava até perder o fôlego, aprendia muito sobre mim e sobre meus colegas e sobre o mundo e sobre a vida e sobre o que eu pretendia fazer com ela. Se tornou um recanto de segurança, de amor e de loucura boa.

Logo no primeiro ano, Simone nos propôs a ideia de fazermos programas performativos pela escola. Acredito que este tenha sido o meu primeiro contato com a performance arte, ao menos, nestes moldes.

Fizemos cerca de quatro performances, que desenvolvíamos ao longo dos encontros às terças-feiras e quintas-feiras à noite. Procurávamos pensar naquilo que queríamos questionar e como poderíamos criar um estado de anormalidade no cotidiano daquelas pessoas. Ensaivamos algumas marcações e intenções, mas, assim como coloca Eleonora Fabião: “o performer não improvisa uma idéia: ele cria um programa e programa-se para realizá-lo” (p. 3).

Lembro-me de sempre estar muito animada criando e idealizando as performances, afinal, a imaginação sempre esteve de mãos dadas comigo. Porém, na hora de colocar em ação, no meio de todos aqueles adolescentes desavisados e entretidos com o recreio, me dava uma vontade profunda de fugir para as colinas e nunca mais voltar. Um pavor e desconforto tremendo acionava a parte do meu cérebro ligada à sobrevivência - aquela situação me cheirava a perigo. E indo contra todos os meus instintos selvagens, eu me segurava a um instinto ainda mais pré-histórico: a coragem.

E assim estive presente, em todas as performances. Há um sentimento dos mais gratificantes em superar os medos. E, ainda, em criar realidades fraturadas¹⁹. Escutávamos barbaridades dos espectadores e isso muito nos

¹⁸ Graduada em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília. É professora e atriz de teatro.

¹⁹ Esse termo será abordado com mais profundidade no capítulo A Experiência Fantástica na Performance Arte: Um Paralelo com Gabriel García Marquez.

divertia! Frases como: “será que eles são todos *gays?*”, ou “ah, é só a galera do teatro”, ou ainda “esse povo é muito esquisito”.

E fui absolutamente “esquisita”, mesmo sendo tão normal, em todas as cinco peças que ensaiei e apresentei com Simone Marcelo. Fui Cosette em *Os Miseráveis*, fui Ofélia em uma releitura de *Hamlet* feita por Simone, fui a madrasta da Cinderela em *Caminhos da Floresta* e várias personagens na nossa releitura de *Liberdade, Liberdade*. Foram as experiências com as artes performáticas que consolidaram a minha vontade de fazer arte. Foram minha mãe e Simone que me atentaram para a possibilidade de entrar para as Artes Cênicas. E aqui estou, depois de cinco anos, escrevendo esta monografia.

Foto 10 - *Liberdade, Liberdade* no Maristão



Fonte: arquivo pessoal, 2016

Termino aqui, o meu (não tão) breve contexto autobiográfico! Algumas das tantas experiências universitárias que vivenciei serão trazidas nos próximos capítulos. Mas, antes...

UMA CRIA

Musa Pândega - 14/02/2020

Como uma boa romântica que sou, adoraria que alguém escrevesse sobre mim. Rafa, a musa inspiradora de poetas apaixonados. Como podiam citar as minhas madeixas ouro-acastanhadas, meus olhos azul-piscina, meu excêntrico modo de viver a vida, ou até mesmo, meu senso de humor, que caminha sinuoso, atrelado às rijas críticas que profiro ao mundo severo, capitalista, sério... Ó, seria demais pedir que ao menos alguém reparasse no meu sutil esforço de existir artisticamente? Na minha nata aptidão e talento para servir de inspiração? Meu corpo tão curvilíneo, afável e estonteante. Meus lábios tão macios, doces, molhados. Meu coração, tão único, expansivo, amoroso. Eu, uma garota tão honrosa, rebelde, interessante, espirituosa, divertida, profunda, equilibrista, bem-humorada, ouvinte, inteligente, culta, múltipla. Até minhas axilas são cheirosas. Nunca tive unha encravada, e se tivesse, seria digna de pelo menos um verso apaixonado. Meus longos e solitários pelos que crescem ao redor do mamilo são uma poesia. O jeito que eu ronco, bêbada, é diferente, é especial. Como pode ninguém reparar nesses detalhes tão atraentes? Já se foram os tempos em que eu recebia cartas de amor. Estou fadada a ser a única representante dessa falecida classe de poetas românticos e dramáticos.

Agora cabe a mim mesma.

3 DELINEANDO A AUTOBIOGRAFIA E A AUTOFICÇÃO

Venho pensando muito sobre o porquê do tema autobiografia, e o que o faz tão sedutor e curioso para mim. De fato, me debruço sobre a certeza de estar vivendo um momento de vida que se apoia naquelas reflexões íntimas, do âmbito dos desejos e oportunidades. Me vejo em um momento de fins e começos, um momento de trans-formação. Finalizo, aos poucos, este ciclo universitário, acadêmico, que sela, de algum modo, a longa trajetória de estudos que seguimos até o esperado encontro com a carreira, a profissão - ao menos, é aquilo que se espera de mim, levando em conta a minha realidade sócio-econômica.

Todos esses anos para finalmente me tornar uma verdadeira engrenagem da sociedade capitalista? Não, antes de tudo, eu sou artista. Não contribuo diretamente para o funcionamento prático e econômico da sociedade. Contribuo, sim, mas por meios mais sutis, sublimes e igualmente importantes. Mesmo enquanto professora, escorrego por entre as noções de praticidade e utilidade cunhadas pela maioria, porque uma professora de artes ocupa um lugar distinto de uma professora de matemática. O sistema capitalista desqualifica aqueles que não se encaixam na padronagem lucrativa que o compõe, criando um déficit injusto nos aspectos identitários e no processo de assunção dos indivíduos.

Foram professores de arte, com seus olhares sensíveis e atentos, que contribuíram enormemente para o meu crescimento pessoal e profissional. Eu vivi e, portanto, acredito na relevância, importância e necessidade de um professor, na vida de um estudante, que trabalhe por tais meios, mais sutis e sublimes, que se interesse pelas particularidades do mesmo. Professores que não se atêm apenas aos conteúdos estipulados pelas provas de vestibular, às falsas presenças ou às notas nos boletins. De maneira menos cartesiana, menos padronizada, menos estéril. Mais humana, mais espontânea, atenta, amorosa. Vejo, pois experienciei tal relevância na minha constituição humana.

Reflico, portanto, profundamente, sobre o que será de mim nos anos que se seguem e o que posso fazer para sobreviver, para me expressar, para contribuir e para viver o mais genuinamente possível. Talvez, para os artistas seja mais urgente a necessidade de saber quem somos (ou o que estamos sendo), ou

ainda, de expressar para o mundo o que somos. Pelo menos, é assim para mim. Urgente a necessidade de me expressar.

Para entender quem sou preciso pensar sobre aquilo que já passou. Pelas experiências, pelos traumas, pelos momentos banais e por aqueles importantes, pelas minhas relações com as pessoas, com o mundo, com a natureza. Reflito sobre as minhas estampas, cores, perfumes, movimentos e texturas preferidas. Penso em música, em poesia, em dança e em teatro. Penso nas salas de aulas, nos recreios, nos deveres de casa e nas provas. Penso na minha família, no meu país e na minha ancestralidade. Penso naquilo que acredito ser relevante para constituição da minha identidade. Afinal, como coloca Castells:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais, são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço.” (2008, p. 23)

Percebo, então, um padrão interessante que não me propicia sentir pertencente a uma infinidade de lugares. É estranho me perceber enquanto brasileira latino-americana. É estranho quando tentam me encaixar enquanto europeia – porque, óbvio, não sou. É estranho quando danço coco em roda de coco, ou quando sambo em roda de samba. Não porque eu não gosto, ou porque eu não me identifico, ou porque não me faz feliz. Mas porque eu sou sempre uma espécie de estrangeira. Sou absolutamente e inteiramente brasileira, mas, ao mesmo tempo, não sou tanto. O que é meu? A moral da família tradicional? Não quero. O conservadorismo? Não quero. A imagem da opressão? Também não. Me resta apenas a representação da burguesia colonial? A reencarnação da Virgem Maria? Quando estou aqui sou sempre de fora e quando estou fora, sou ainda de outro lugar.

Como será colocado mais profundamente, no capítulo *Experiência Fantástica na Performance Arte*, o meu corpo é um corpo que, a grosso modo, converge preocupação, carinho e cuidado. É um corpo aceito, na maior parte dos lugares. É um corpo que não sofre muitas das injustiças que sofrem outros corpos. Este meu relato retrata uma cosquinha. Retrata um aspecto da minha

vivência, pois constitui a minha identidade de mulher latino-americana, brasileira, cisgênera e branca.

O processo autobiográfico - mesmo aquele não literário - através de um auto-olhar, me permite entender o meu lugar e não lugar no mundo. Me permite refletir, também, sobre o que faz sentido, sobre o que me toca, sobre o que me movimenta. Este auto-olhar me espreme e vaza para a superfície o que de mim posso oferecer, o que de mim posso falar, o que de mim devo escancarar. E, também, afeta, esteticamente e conceitualmente, a minha produção artística.

Me deparo com essa mulher branca, clara, de olhos azuis, cheia de oportunidades e de recursos, em um país desigual, racista e excludente. Como coloca Djamila Ribeiro²⁰, em seu livro *Pequeno Manual Antirracista*: “mulheres brancas são discriminadas por serem mulheres, mas privilegiadas estruturalmente por serem brancas” (2019, p. 17).

Em quais lugares minha voz faz diferença ou o que de mim é relevante? Como, conceitualmente e esteticamente, consigo subverter essa sensação e afagar a minha necessidade de expressão artística e de transformação? Como consigo, em meu lugar de privilégio, ir à luta com aquelas ainda mais silenciadas e oprimidas?

Posso pontuar, sem muito refletir, sobre a luta feminista que desde nova me seduz e me engrandece. Como, abordado recorrentemente em meus trabalhos²¹, **o corpo, a sexualidade, a liberdade e a transgressão do “belo”** são temas importantes para mim. Abordo-os sob uma perspectiva trazida no texto *Quem tem Medo do Feminismo Negro*, mais uma vez de Djamila Ribeiro: “o pessoal não se sobrepõe ao político, mas é o ponto de partida para conectar politização e transformação da consciência, isto é, para ler criticamente a experiência de opressão das mulheres.” (2018, p. 13)

A partir deste pensamento, trago alguns relatos pessoais acerca de minhas experiências de opressões sutis.

²⁰ Filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira.

²¹ Como no curta-metragem *Falo* (2019), do qual eu escrevi, dirigi, produzi e editei. Como nos autorretratos fotográficos que faço. Como nos meus vídeos e fotos performances, tais quais: *Remendieta Project* (2018), *Da Sola* (2020) e *Feia* (2020).

3.1 “As Outras Garotas”

O corpo, desde pequena, me é algo importante e digno de reflexões. Percebi, muito nova, que habitar o meu corpo incitava situações muito específicas e, muitas vezes, desconfortáveis. Primeiramente, por ser um corpo de mulher, mas, também, por ser um corpo de mulher com características físicas emprestadas dos colonizadores. Os elogios que enalteciam a branquitude da minha pele, o azulado dos meus olhos e os fios dourados de meus cabelos, escancaravam um conflito que se estende para além dos limites de meu corpo. O meu pedestal de beleza é construído por cima de uma fundação triste, injusta, vazia e racista. Por assim ser, são esperados de mim, comportamentos angelicais, como os querubins pintados nas cúpulas das capelas, posturas lânguidas, ingênuas e vulneráveis, feito musa renascentista, que deita seminua, sem perceber a própria nudez.

Tais expectativas são injustas, preguiçosas e negligentes por si só, mas do outro lado da moeda habitam expectativas ainda mais injustas e violentas. Se sou bela, mesmo sendo feia, se sou pura, mesmo sendo puta, se sou ingênuas, mesmo sendo maliciosa, apenas pelos meus traços e minhas cores, existem aquelas, muitas, que são feias, mesmo sendo belas, que são putas, mesmo sendo puras, que são maliciosas, mesmo sendo ingênuas. Se é que podemos ser algo tão pouco complexo e pobre de camadas, como nos ousa vender a mídia hegemônica e colonizadora.

Desde criança danço uma coreografia establanada na expectativa de ser mais eu mesma e menos aquilo que me é esperado. Na primeira infância, por exemplo, era apaixonada pela cor rosa. Adorava a *Barbie*, as princesas, usava vestidos floridos e arcos na cabeça. Queria ter uma moto rosa, uma bota rosa, um quarto rosa e *tudoaquiloquepudesseexistir* rosa. Insistia para a minha mãe me deixar usar salto-alto, vibrei com a compra do meu primeiro e absolutamente desnecessário sutiã (rosa), e queria mudar o meu nome para *Barbie*. Em algum momento, eu percebi que gostar de todas essas coisas, da maneira como eu gostava, desmerecia vários outros aspectos que também me constituíam. Facilmente eu era enfiada em uma caixinha pequena, encrustada de glitter (rosa), que vendia para as pessoas uma imagem digna do filme *Meninas Malvadas*²².

²² Filme de 2004, dirigido por Mark Water, sobre garotas populares malvadas e fúteis.

Mesmo estudando em uma escola pouco convencional e vivendo em uma bolha. E assim, todas as outras camadas da minha personalidade, incluindo a minha inteligência, benevolência e sagacidade, eram comprimidas em um só plano: a futilidade.

Perceber o impacto da minha expressão estética me fez recorrer a outras maneiras de me colocar no mundo, maneiras que me ajudavam a expressar - e como eu queria expressar - aqueles outros aspectos comprimidos da minha personalidade. Aspectos que sempre existiram, mas pareciam estar sempre maquiados pelo rosa - cor que simboliza, afinal, a feminilidade. Explorar diversas maneiras de expressão, através das roupas e maquiagens, foi, sem dúvida, extremamente importante e positivo para mim. Foi gostoso perceber a vastidão de possibilidades. Este não é o problema.

Em meio à tentativa de equilibrar, em um só *look*, uma bermuda cargo xadrez, uma regata decotada, um sutiã *push-up*, uma meia $\frac{3}{4}$ colorida, um *All Star* de cano médio do AC-DC e um batom vermelho, eu me sentia conflituosamente livre. Conflituosamente livre, porque eu não me permitia ter nada rosa, não me permitia usar vestido, não me permitia gostar de salto-alto. Mas, ao mesmo tempo, eu sentia como se tivesse, finalmente, escapado daquela caixinha de glitter rosa da futilidade, como se eu tivesse transgredido o padrão de beleza que era esperado de mim. E era muito bom sentir que eu não era “como as outras garotas” - o que significava, automaticamente, que eu era mais interessante, profunda, culta e inteligente. Significava que eu seria levada mais a sério.

E depois de muitos anos sendo descreditada, taxada de fútil, ignorada, sexualizada, diminuída e subestimada, independentemente de todos os meus esforços para não ser “como as outras garotas”, eu me *toquei* - graças à boas referências, boas reflexões, boas amigas e boas conversas - que NÃO EXISTEM AS OUTRAS GAROTAS E QUE EU ESTAVA LUTANDO CONTRA MIM MESMA E CONTRA O MEU DESEJO DE SER QUEM EU QUERIA SER.

Pode parecer bobeira, mas eu só me permiti usar alguma peça de roupa rosa aos 20 anos, na universidade. E só agora, durante o isolamento social da pandemia, eu me permiti usar salto-alto fora de um evento formal, simplesmente por querer. Assim como, muitas vezes, eu quero usar uma bermuda e um *All Star* de cano médio do AC-DC. Assim como eu tenho todos os pelos do meu corpo e passo maquiagem quase todos os dias. Assim como eu escuto Black Sabbath e

Kelly Key. Assim como eu ando de *skate* e faço colar de miçanga. Assim como eu posso ser *sexy* e inteligente.

Essa falácia das “outras garotas” é, de forma muito crua, machismo. O machismo que nos tolhe a percepção de que somos infinitamente complexas, profundas e suficientemente coerentes. O machismo que cria competições infundadas, em busca de uma validação inexistente e vazia. A feminilidade sofre por ser muito diretamente ligada à imagem da mulher, ou seja, por ser o absoluto oposto do enaltecido, o homem másculo. Mas, em suma, feminina, ou não, a mulher é sempre oprimida. Não existe meio termo. Existem opressões mais e menos violentas, somadas às questões raciais, sociais, sexuais e econômicas.

Essa minha vivência, tão parecida com tantas outras, de tantas outras mulheres, é apenas uma das várias outras que vivi neste corpo de mulher. Acredito que ela ajude a afofar o terreno onde os frutos das minhas expressões artísticas habitam, por relacionar aspectos conceituais e estéticos. E para começar, trago a minha trajetória com o autorretrato.

3.2 Autorretrato

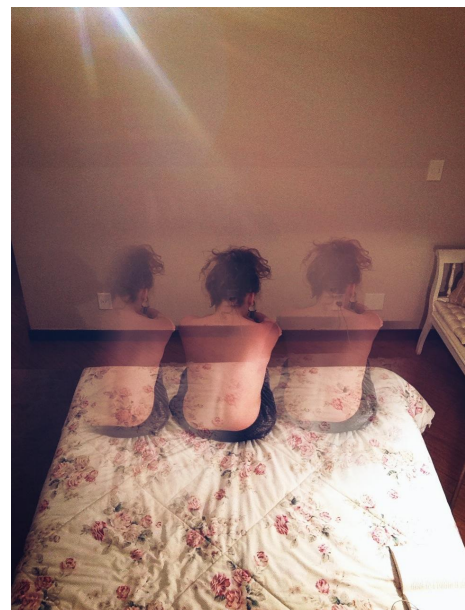
É possível dissociar o corpo de mulher da sexualidade, das expectativas de beleza e da busca pela liberdade? Acredito que não. Então, como trazer à tona, mesmo que de maneira sutil, tais questões problematizadas? É isso que busco através dos meus autorretratos, já que em todos eles, está o meu corpo de mulher.

Através de imagens performáticas, coloridas e fantásticas, me vejo em diversos cenários e, assim, me experiencio de diversas formas. A minha prática do autorretrato é, hoje, conscientemente relacionada às temáticas sutis e estéticas do feminismo. É a reivindicação da autonomia no processo de criação e produção, e a comemoração da liberdade de ser múltipla e complexa.

O autorretrato é uma vontade antiga e não sei bem ao certo quando começou. Talvez os desenhos, enquanto criança, tenham sido meus primeiros registros. A fotografia chegou de fininho, com a câmera digital da minha mãe e com o avanço dos *smartphones*. Em vários momentos da minha vida,

principalmente durante a minha adolescência, a produção de autorretratos fotográficos foi bastante recorrente, talvez, por uma influência das redes sociais. Eu me fechava no quarto, equilibrava vários livros de tripé, trazia a luminária de leitura e arquitetava qual seria meu *look*, minha maquiagem e possíveis objetos de cena. Em algumas fases de maneira assídua; em outras, de maneira escassa. Mas sempre esteve presente essa vontade de me experimentar esteticamente, de me ver de fora, de saber quem sou e como posso ser.

Fotos 11, 12 - autorretratos da adolescência



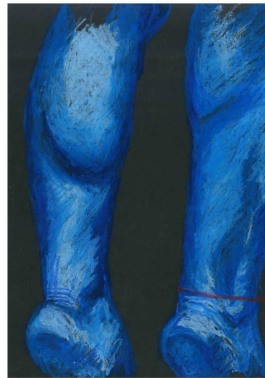
Fonte: feitas pela autora, 2014 à 2015

Durante a universidade, após um longo momento de escassez, me re-afirmei do desenho, da aquarela, da colagem e da pintura, e os autorretratos voltaram a surgir, de forma diferente. Comecei a experimentar com cores vibrantes e fantásticas, com linhas tortas e deformadas, com o experimento de expressão de sensações. Acredito que este processo tenha influenciado o meu atual momento de produção artística.

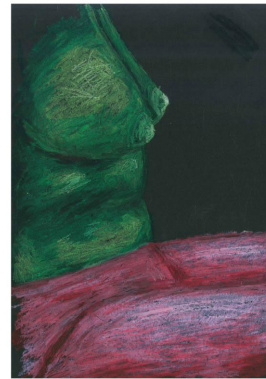
Desenhos 13, 14, 15 - autorretratos²³



Watercolor and pencil on paper
A3 - 2019



Pastel Chalk on black paper
A4 - 2019



Pastel Chalk on black paper
A4 - 2019

Fonte: feitos pela autora, 2019

Ainda durante a universidade, o que reacendeu a minha relação com a fotografia foi a disciplina Interpretação Teatral 4, sob mentoria da maravilhosa Simone Reis²⁴. Durante o quarto semestre, eu me vi na ascensão do meu conflito enquanto atriz. Percebi como, muitas vezes, me interessava mais pelos elementos estéticos - como a cenografia, a maquiagem e o figurino - do que pelo processo mental e corpóreo relacionado à atuação. A performance arte saciava, em muito, o meu fascínio pela expressão estética, mas colocava o meu corpo em uma posição de vulnerabilidade na qual eu me sentia insegura e relutante de explorar.

Foi então que comecei a pesquisar mulheres *performers* que trabalhavam com imagens performáticas e que exploravam esse hibridismo de linguagem, principalmente com a fotografia. Me deparei com verdadeiras mestres, que muito me inspiram, como: Ana Mendieta, Vera Chaves Barcellos, Martha Wilson, Shae DeTar, Maisie Cousins e as Guerrilla Girls.

Como trabalhos finais da disciplina, desenvolvi duas foto-performances inspiradas nas obras de Ana Mendieta e de Vera Chaves Barcellos. A primeira batizei de *Remendieta Project*, por ser uma releitura da obra *Glass on Body*, feita em 1972. Tal obra, de Ana Mendieta, consiste numa série de fotos da mesma,

²³ O primeiro autorretrato é feito em folha A3, em aquarela e lápis de cor e os outros dois em folha A4 com giz pastel.

²⁴ Diretora, atriz performativa e professora efetiva do Departamento de Artes Cênicas na UnB.

que pressiona diversas partes do seu corpo nu, em uma placa de vidro. Assim, ela transgride o padrão de beleza esperado de um corpo de mulher.

A princípio, fiz algumas fotografias do meu próprio rosto, comprimido no vidro, mas imaginei que seria mais interessante da minha parte, tirar fotos dos rostos de outras mulheres também.

Fotos 16, 17, 18 - fotoperformance *Remendieta Project*



Fonte: feitas pela autora no Festival Yakumama, 2019

Fiz um instagram (@remendietaproject) e estendi o projeto para além da disciplina, tirando fotos de mulheres do Departamento de Artes Cênicas, de um evento na Faculdade de Educação e em um festival de música em Fortaleza²⁵. Também imprimi algumas dessas fotos e espalhei por cantos diversos da Universidade de Brasília, com *QR Codes* que direcionavam as pessoas direto para a página de Instagram.

²⁵ Festival Yacumama, em Janeiro de 2019.

Figura 19 - QR Code para acessar @remendietaproject



Fonte: <https://www.qrcodefacil.com/>

O segundo trabalho também consistiu na releitura de uma série de fotografias, de 1977, feita por Vera Chaves Barcellos durante a ditadura militar, denominada *A Respeito do Sorriso - Keep Smiling*. A crítica de arte Angélica de Moraes, no site da Fundação Vera Chaves Barcellos²⁶, pontua que a obra faz uma alusão irônica ao momento político repressor, em que a única chance de sobrevivência é continuar sorrindo para mascarar as possíveis intenções subversivas.

A minha releitura da obra consistiu em recriar a placa *Keep Smiling*, presente na série de fotografias, disponibilizar roupas com aspecto de 1970 e fotografar meus colegas de curso, ironizando a situação do artista diante das conjunturas governamentais e fazendo um paralelo ao passado não tão distante. Para esse trabalho também criei um instagram (@rekeepsmlingproject) e acredito ser importante pontuar o porquê de criar um perfil da performance nessa rede social.

Figura 20 - QR Code para acessar @rekeepsmlingproject



Fonte: <https://www.qrcodefacil.com/>

²⁶ <http://fvcb.com.br/?p=10367>

Estamos em uma era absolutamente digital e virtual. Acredito que viveremos assim ainda por muitas décadas. Enquanto artista, percebo as plataformas digitais como uma grande possibilidade de compartilhamento de obras e, por mais que possa ser, de alguma forma, opressora a necessidade de se colocar nesses espaços, precisamos aprender a utilizar essa ferramenta de maneira inteligente. Precisamos, quem sabe, pensar nesse avanço tecnológico como oportunidade de criação híbrida, para converter e criar espaços de difusão dos nossos trabalhos. Inclusive, problematizando os modelos repressores, violentos e “algoritmizados” que nos impõem as redes sociais. É preciso, sem dúvida, debater sobre eles e criar estratégias para subverter essa realidade, para trans-forma-la. Como? Ainda não sei.

Durante a pandemia, a virtualidade se tornou o único convívio com o mundo de fora; um contato digital e mediado por máquinas. Jorge Dubatti, um dos principais pensadores do teatro na atualidade, chama esse convívio de *tecnovívio*. Em uma matéria para a revista *Continente*, em dezembro de 2020, ele diz: “Descobrimos que o *tecnovívio* pode nos oferecer muitas experiências bonitas, mas não pode substituir as experiências que o convívio nos oferece.” Partindo da minha própria vivência durante o isolamento social, posso dizer que concordo com Dubatti em todas as suas palavras. E acredito que uma das experiências bonitas seja a percepção da vastidão de possibilidades que o *tecnovívio* nos permite enquanto artistas.

O isolamento social, através do *tecnovívio*, me trouxe, como nunca antes, de volta para os autorretratos. Possivelmente, o contato com as redes sociais me influenciou a isso; assim como o meu privilégio de viver o ócio. Posso pontuar, também, que o autorretrato, por ser um processo criativo de produção autônoma, se encaixou perfeitamente para mim durante o isolamento social. As colaborações e os trabalhos em equipe são maravilhosos, mas em uma realidade de solidão, conseguir depender apenas de você para parir um projeto idealizado é estupendo.

Abarcada, nesta outra leva de produções pandêmicas, pelas minhas experiências, referências e conhecimentos adquiridos ao longo dos anos de universidade, o autorretrato fotográfico tomou outras proporções e outras profundidades.

Ele se reintroduziu como um exercício de criação, que muito me entretém. Aos poucos, fui rememorando aquelas vivências de empilhar cadeiras e livros, de buscar a luminária de leitura, de posicionar a câmera apoiada em superfícies instáveis. Senti novamente como era me movimentar pela casa, buscando objetos, roupas da minha mãe, e os melhores cenários. E algo muito positivo desse processo de me fotografar inúmeras vezes no mesmo local (a casa dos meus pais), foi o exercício de reinvenção e de criatividade, pela necessidade de descobrir novos ângulos e novos cenários e novas maneiras de me fotografar.

Depois da terceira sessão de fotos eu julgava ter extraído o máximo que podia em relação aos cenários. Então, me vi enganada. Novamente, na sétima sessão de fotos, eu julgava que, desta vez, realmente não haveriam outras possibilidades. E então, enganada. Com um pouco de esforço e boa vontade, os cantinhos impensáveis se tornavam belas e sedutoras opções.

Fotos 21, 22 - autorretratos dentro de casa²⁷



Fonte: feitas pela autora, 2020

²⁷ Autorretratos tirados na casa dos meus pais, no primeiro semestre de pandemia, em 2020. O primeiro feito em um encontro de paredes, agachada no chão, e o segundo na área de serviço externa, improvisando um fundo com lençol.

Outro processo muito satisfatório que percebi nessa minha trajetória autobiográfica, foi me permitir experimentar. Me sentia pouco pressionada a criar algo absolutamente magnífico, como muitas vezes me senti dentro da universidade. Estar fazendo as fotos por mim mesma e para mim mesma, me libertava de muitos medos. E, também, aumentava a minha auto-estima, pela comprovação da minha capacidade de produzir autonomamente e, principalmente, apenas por produzir. Se gostasse do resultado, postava nas redes sociais e compartilhava os meus trabalhos, sem pressão.

Essa prática me tirou de um estado duradouro de dificuldade de materialização dos meus projetos, ideias, experimentos e vontades. Ao longo dos meses pandêmicos eu me debrucei em produções musicais de maneira completamente autônoma, o que eu nunca imaginei ser capaz, pintei três ou quatro quadros, ainda inacabados, fiz alguns experimentos videográficos e desenvolvi, de maneira que muito me orgulho, bastante da minha identidade estética e performática. O autorretrato acabou se tornando um caso sério de amor e um sócio.

A minha pesquisa para a produção dos autorretratos foi se tornando mais séria e consciente. Aos poucos fui refletindo sobre como o autorretrato, principalmente o fotográfico, me afeta e o porquê do meu fascínio. Refletindo, também, sobre o que eu desejo com essas fotografias e como eu posso abordá-las de maneira mais performática e fundamentada.

Percebi então, que o autorretrato é a maneira como me expresso de forma performática, fantástica e autoficcional. Como na primeira foto abaixo, em que tento comer um espaguete do espaço sideral, belo, porém pouco apetitoso, acompanhado de uma bebida azul leitosa, bela, porém nada confiável. Servida uma refeição indigerível. E na segunda, que procuro questionar a santidade com luvas e batom vermelho luxúria, sangue, olhando de rabo de olho o que nem Deus sabe, trelosa.

Fotos 23, 24 - autorretratos no isolamento social



Fonte: feitas pela autora, 2021

Por mais que hoje perceba as mesmas tendências nos primeiros experimentos durante a adolescência, a minha expressão estética e conceitual foi tomando rumos cada vez mais fantásticos e pouco cotidianos. Cada vez mais performáticos. Com certeza, sob influência, mesmo que inconsciente, das musas da performance híbrida e fotográfica que citei alguns parágrafos acima.

E assim espero que continue a minha prática, se desenvolvendo de mãos dadas à minha pesquisa. Fazendo as pazes com o rosa, com os brilhos e os vestidos. Trazendo-os como elementos transgressores e questionadores. Escancarando aspectos referentes ao corpo, à sexualidade, à transgressão do belo e à liberdade, através do meu senso estético. Explorando habitar diversas realidades fraturadas, honrando a complexidade e a multiplicidade.

Essas fraturas na realidade são a evocação da fantasia questionadora, friccionada, afetada, dissonante e insólita. Aqui elas são estéticas-conceituais e performáticas, deslocam símbolos e referências em busca de atravessar e trans-formar nossa percepção.

Fotos 25, 26, 27, 28, 29, 30 - autorretrato realidades fraturadas



Fonte: tiradas pela autora, 2021

A divulgação dos autorretratos em rede social desencadeou em alguns convites de parcerias. Trago aqui, algumas fotos feitas para o brechó de roupas *vintage*, *Lixomania*, em 2021. Tive total liberdade para desenvolver as fotos da maneira como quisesse. Esses foram alguns dos resultados:

Fotos 31, 32, 33, 34 - autorretratos para *Lixomania*



Fonte: tiradas pela autora, 2021

Quando me deparei com a vontade e necessidade de se fazer uma oficina, para colocar em prática a metodologia autobiográfica de criação, os desdobramentos autoficcionais, e a estética performática e fantástica, os

autorretratos se apresentaram, mais uma vez, como sócios. Mas, agora, como dispositivos pedagógicos e didáticos.

O meu corpo evoca alguns questionamentos e se apresenta relevante em certas discussões. Mas, ainda assim, existem uma infinidade de assuntos e pautas que não consigo abordar plenamente habitando o corpo que habito e tendo as vivências que tenho. Porque, mesmo sendo mulher, sou branca, cisgênera e tenho uma boa condição sócio-econômica, ou seja, sou privilegiada ao pensarmos em estruturas de opressão da nossa sociedade capitalista, racista e transfóbica.

O meu *locus social*, como Djamila Ribeiro se utiliza em sua obra *O que é Lugar de Fala*, fertiliza a discussão de várias pautas feministas, mas não podemos pensar na vivência de mulher como sendo universal. Por mais que a experiência individual de pessoas pertencentes ao mesmo grupo social possa ser similar, por decorrência das estruturas de opressão, “a teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades”²⁸ (p. 40). Daí traçamos a metodologia interseccional do feminismo, onde percebemos como várias características e vivências individuais, ligadas à identidade e pertencimento de grupos sociais, diferenciam as camadas de opressão experienciadas. Ou seja, não posso levar em conta apenas o fato de ser mulher, tenho que pensar em várias outras camadas que interseccionam a minha vivência.

Partindo deste ponto, como arte-educadora percebo a importância de tratar destes assuntos com meus possíveis estudantes colaboradores. Sempre concatenando esses aspectos da vivência à assunção de Paulo Freire. Citando-o em seu livro *Pedagogia da Autonomia*:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (1996, p.41).

²⁸ Djamila Ribeiro no livro *O que é Lugar de Fala*.

A metodologia autobiográfica é um dispositivo que potencializa a compreensão dessas camadas identitárias que constroem nossas experiências. E a partir do desenvolvimento de consciência das estruturas opressivas, do *locus social*, possibilita-se a expressão conceitual e estética em busca de transformação.

O autorretrato como metodologia didática e pedagógica, assim como a metodologia de criação autobiográfica, tanto em minha produção artística, quanto na Oficina - Eu Fantástico, que desenvolvi, também se atêm à autoficção, à fantasia e ao realismo fantástico. Trarei a oficina com profundidade no capítulo dedicado *E a Licenciatura?*, mas antes, acredito ser importante desenvolver mais como o realismo fantástico se relaciona à minha perspectiva performática.

Andaremos, então, ao capítulo *A Experiência Fantástica na Performance Arte: Um Paralelo com Gabriel García Marquez*.

Esperem! Antes...

DUAS CRIAS

Romântica Açucarada - 31/08/2021, Brasília

Volta e meia me vem uma vontade de escrever um romance. Acredito que existam literaturas mais lógicas, racionais e intelectuais, e o meu lado lógico, racional e intelectual enaltece a filosofia, os artigos e os livros didáticos. O melão das histórias de amor me impregna. Mas, não me entenda mal, absorva pela paixão inerente às minhas células, os romances grudam em mim como as caldas açucaradas e colantes. A verdade, é que eu conheço muito bem o meu corpo apaixonado. Feito droga, eu busco pela inebriante e cega paixão, que floreia as pessoas mais inapropriadas e defeituosas. E sinto muito ao dizer que as tais borboletas já se desfizeram em poeira no meu estômago e que meu coração apenas palpita pelo hábito de me manter viva.

Eu tenho uma ruma de velhos amores, que insisto em visitar quase que cotidianamente. Me entretenho com os acontecimentos vívidos, passados e cinematográficos que compuseram alguns dos bons e maus momentos da minha

vida. É preciso energia ativa de concentração, de um foco de lente fechada, que enquadra um canto específico do meu interior, entre a traqueia e o coração: a área de meu corpo dedicada às sensações físicas das memórias. Nesse ato quase meditativo, que pode durar uma fração de segundos, eu sou capaz de emergir, de um fundo de corredor, o sangue quente que cora as bochechas. Aquele beijo, aquele olhar e aquele adeus tomam conta de mim, como se eu pudesse sentir um odor que exala de dentro, e não de fora. Convenhamos, não existe sentimento neste mundo que faça a vida ter mais sentido quanto a paixão.

4 A EXPERIÊNCIA FANTÁSTICA NA PERFORMANCE ARTE

Um Paralelo com Gabriel García Marquez

Lendo Gabriel Garcia Márquez²⁹, me delicieei com as possibilidades hiperbólicas, extraordinárias e metafóricas do realismo fantástico. Li sobre uma tal personagem que, de tão bela e tão pura, flutua em direção ao céu para nunca mais voltar. Também li sobre outra, de cabelos longuíssimos, que dominava a arte de tornar-se invisível. Entre guerras, catástrofes religiosas, amor, desejos e cobiças – façanhas, diga-se de passagem, extremamente mundanas – o universo de Garcia Márquez está disposto a encarar pequenos momentos absolutamente extra cotidianos. O realismo se apega às questões práticas, cruas, que nos põem de pés grudados no chão. O fantástico flerta com o imaginário, o inimaginável, o extraordinário e a ficção.

O Realismo Fantástico é, afinal, um gênero literário que habita a dualidade. Ele surge subvertendo o gênero real-naturalista, criando uma *realidade fraturada*, como pontua Flávio García³⁰. Antes, o fantástico na literatura criava uma necessidade de resolução lógica do insólito. Este termo é comumente abordado

²⁹ Escritor, político, jornalista e ativista colombiano. Ganhou prêmio Nobel de Literatura e é um dos maiores exemplos do Realismo Fantástico no Brasil.

³⁰ Professor e doutor da UERJ.

ao se pensar no fantástico, por abarcar a noção de algo “que desafia a compreensão e aceitação do leitor”³¹ (p. 2).

No Realismo Fantástico, porém, o insólito não é mais objeto de busca de resolução, ele é utilizado na estruturação da narrativa. Cito Flávio García em seu texto *Fantástico: a Manifestação do Insólito Ficcional entre Modo Discursivo e Gênero Literário - literaturas comparadas de língua portuguesa em diálogo com as tradições teórica, crítica e ficcional*:

[...] a subversão verificada na construção das categorias narrativas, no universo dos novos discursos fantásticos, corresponde às estratégias de estruturação das novas tendências desse matiz literário, em que o insólito, mesmo percebido como tal, não é objeto de questionamentos, nem fica na dependência de sua aceitação. Espelha a realidade de um mundo às avessas [...] (2011, p. 4).

O fantástico, portanto, se torna elemento constituinte da narrativa em que as personagens habitam uma realidade que integra os elementos com aspecto de impossível. Independente da necessidade de resolução lógica da ficção, ou não, “o leitor se vê diante de um acontecimento que em certo sentido o faz questionar o real [...]” (Ibidem p. 2).

O diálogo que desenvolvo entre o realismo fantástico e a performance arte se estabelece na criação de uma realidade fraturada e na construção de experiências que, pelo atravessamento e afeto, podem evocar o questionamento da realidade. Enquanto a fantasia no gênero literário se faz, não só pela tematização, mas pela estruturação, na performance arte a experiência do fantástico pode se fazer, principalmente, pela estética.

A performance arte cria estados, situações e circunstâncias que, normalmente, não fazem parte do nosso cotidiano. Ela desafia o performer e os espectadores a viver algo que não condiz com a esperada normalidade. É, portanto, surpreendente, atípica, às vezes ficcional e até fantástica. Como coloca Eleonora Fabião acerca de sua potência:

Trata-se de buscar maneiras alternativas de lidar com o estabelecido, de experimentar estados psicofísicos alterados, de criar situações que

³¹ Citação retirada do texto: *Fantástico ou Realismo Mágico? Um Estudo Sobre o Insólito Ficcional em o Curioso Caso de Benjamin Button*, 2013, de Raphael Marco Oliveira Carneiro e Ivan Marcos Ribeiro.

disseminam dissonâncias diversas: dissonâncias de ordem econômica, emocional, biológica, ideológica, psicológica, espiritual, identitária, sexual, política, estética, social, racial... (p. 237).

Poderia chamar tais dissonâncias de insólitas? No texto de Raphael Marco Oliveira Carneiro e Ivan Marcos Ribeiro encontramos esta citação de Lenira Marques Covizzi³²: “Insólito, que carrega consigo e desperta no leitor, o sentimento do inverossímil, incômodo, infame, incongruente, impossível, infinito, incrível, inaudito, inusitado, informal...” (COVIZZI, 1978, p.26 *apud* GARCÍA, 2012). (Ibdem p. 2).

Não causariam as *dissonâncias diversas* esses mesmos sentimentos, afecções e atravessamentos que habitam o fantástico? E não podem causar essas *dissonâncias* os mesmos questionamentos provocados pelo insólito acerca da realidade? Pois, apenas sei o que é fantástico por saber o que é real, assim como apenas sei as alternativas de se lidar com o estabelecido, por saber o que e como é estabelecido. A realidade fraturada se dá pela possibilidade de perceber o fantástico.

No primeiro semestre cursando artes cênicas, tive o privilégio de fazer um *workshop* com o *performer* Fausto Ribeiro. O *workshop* consistiu na experimentação de programas performativos na rodoviária do Plano Piloto e procurava tensionar relações dos espectadores com o cotidiano, assim como dos performers com os espectadores. Foi nesses três ou quatro dias que eu senti na pele e na alma, como nunca antes, o poder de fazer algo que transforme a normalidade. Normalidade esta que se apoia no costume, no cotidiano, nas ações mais práticas e automáticas que permeiam o nosso dia-a-dia.

A rodoviária foi nosso território principal e lá nos deitamos no chão, rolamos escada abaixo, nos derretemos pelas paredes, seguramos marretas em frente ao vidro, simulamos brigas, beijos intensos e discursos inflamados. Ficou, absolutamente evidente, como essas simples ações, em contextos inesperados, causaram reações diretas nos transeuntes e espectadores. Hora participavam, reproduzindo nossos comportamentos ou reagindo a eles – como na vez que rolamos pela escada abaixo, devagar, quase derretendo, e vários transeuntes

³² Autora e pesquisadora brasileira.

aproveitaram para descer a escada de maneira não convencional - hora apenas observavam, ou tentando compreender, ou por curiosidade, ou por intriga – como na vez que nos beijamos calorosamente depois simularmos uma violenta situação de opressão.

Com certeza, através da realidade que se fraturou, afetamos a maneira como aquelas pessoas viveram a vida naquele dia. Estimulando questionamentos, criando conflitos, confrontando a rotina. Tais experiências não precisam ser profundas, marcantes ou inesquecíveis, mas, mesmo que pequenas e singelas, delineiam um breve momento de fantasia. Como nos apresenta Eleonora Fabião:

Em *Do Ritual ao Teatro*, o antropólogo Victor Turner entrelaça diferentes linhas etimológicas do vocábulo “experiência” e esclarece: etimologicamente a palavra inclui os sentidos e risco, perigo, prova, aprendizagem por tentativa, rito de passagem. Ou seja, uma experiência, por definição, determina um antes e um depois, corpo pré e corpo pós-experiência. Uma experiência é necessariamente transformadora, ou seja, um momento de trânsito da forma, literalmente, uma trans-forma. As escalas de transformação são evidentemente variadas e relativas, oscilam entre um sopro e um renascimento. (p. 237).

A performance traça a possibilidade de tomar para si a capacidade de modificação das relações com o espaço. De trans-formar. Não só traça como evidencia. Ela expande a experiência cotidiana de quem a realiza e de quem a observa. Ela fertiliza a capacidade trans-formadora das pequenezas e das grandiosidades. Permite o renascimento e reivindica a vida.

A performance emerge em um momento histórico em que as vanguardas desfilam pelo mundo, o tradicional e o “antes-visto” não suprem as vontades de trans-formação. Ela é a promessa de um novo, de algo outro, de uma experiência única, que se renova em outra a cada vez. A performance reivindica a vida por reivindicar a morte, a degeneração daquilo que é velho e falecido, do que não nos serve, ou não nos cabe.

Ana Mendieta reivindica a morte dos padrões de beleza em *Glass On Body*. Valie Export reivindica a morte da sexualização machista dos corpos performáticos com a performance *Tapp-und Tastkino*. E a morte, nada mais é, do que a transformação e a abertura para nova vida. Como afirma Renato Cohen, em seu texto *Performance como linguagem*:

O trabalho do artista de performance é basicamente um trabalho humanista, visando libertar o homem de suas amarras condicionantes, e a arte, dos lugares comuns impostos pelo sistema (p. 45).

A performance arte propõe, outras maneiras de se performar. Dentre as suas inúmeras características – como a de ser uma potencializadora de experiências transformadoras, extraordinárias³³ e até fantásticas - algumas me interessam consideravelmente e são imprescindíveis para este trabalho. A principal, que permite *linkar* da melhor maneira possível todas as noções aqui trabalhadas, é a característica de possibilitar a criação de uma fratura da realidade, sua viabilidade fantástica e ficcional. Mas antes, exploraremos outras facetas e particularidades da mesma.

A performance arte, normalmente, não se relaciona apenas com a tangente fantástica, ou seja, com o alargamento das ações cotidianas, por se deliciar em imaginários ficcionais. Ela, muitas vezes, carrega, demonstra e questiona as contradições, as hipocrisias, os defeitos e as injustiças da vida. Mais uma vez de acordo com Eleonora Fabião:

Performers são, antes de tudo, complicadores culturais. Educadores da percepção ativam e evidenciam a latência paradoxal do vivo – o que não para de nascer e não cessa de morrer, simultânea e integradamente. Ser e não ser, eis a questão; ser e não ser arte; ser e não ser cotidiano; ser e não ser ritual.(p. 237)

Intrincados pela dúvida mais famosa - ser ou não ser - emergem a possibilidade de se questionar. Ao complicar, pressionam a percepção anestesiada da realidade e formigam um olhar outro, afetado, trans-formado. Através de dramaturgias, como traz Eleonora Fabião, a performance arte desloca referências e signos de seus habitats naturais (p. 239). Ora, eu me locomovo pé-ante-pé. Haveremos outra maneira de se locomover? Existem outras possibilidades de agir, de reagir, de viver?.

A performance arte borra e afeta diretamente a vida, o cotidiano, a rotina ritualística. Os atos comuns da vida “passam a ser encarados como atos rituais e artísticos” (COHEN, p. 38). E esse borrar abre espaço para a fantasia e o pensamento inventivo, para a criação e trans-formação. A fantasia, tangente à performance arte, conota um paralelo questionador, que tensiona as complexidades sociais e culturais das quais, muitas vezes, somos vítimas. Cria

³³ Esta palavra é utilizada, aqui, como algo fora do comum, fora do ordinário.

experiências dissonantes e insólitas que englobam questões críticas às vivências cotidianas e que se relacionam, possivelmente, com certos grupos sociais específicos.

Para substanciar tais experiências dissonantes, temos que refletir, portanto, sobre a figura da *performer*. Porque, como coloca Ana Bernstein³⁴: "O corpo atuante e quase sempre despido do artista tornou-se não apenas o veículo para o trabalho, mas o objeto de arte em Si" (p.92). A fisicalidade da *performer*, por ser absolutamente dotado de significados, influencia diretamente na experiência performativa. Ao recordar da minha própria vivência no *Workshop* de performance ministrado por Fausto, percebo, evidentemente, como a corporeidade afeta os significados estéticos, conceituais e éticos. Afetam, portanto, a experiência dos espectadores e, de certa forma, delimitam as experiências das *performers*.

No primeiro dia de performance, nosso programa performativo³⁵ inaugural era deitar no chão, cada um separado do outro, em lugares diferentes da rodoviária. Ação relativamente simples e banal. Na rodoviária do Plano Piloto vários corpos deitam no chão, a ação em si não era inesperada. Mas os corpos que ali deitam são corpos de pessoas à margem da sociedade, que carecem de recursos financeiros e de oportunidades. São corpos negros, em sua maioria, subjugados a um passado escravocrata e a um presente no qual a desigualdade social se afunda no racismo. O meu corpo de mulher jovem, branca, loira, aparentemente saudável, sóbria e limpa, transformou uma ação simples em uma ação profundamente significativa. Além do meu corpo físico, estava usando um vestido preto limpo, brincos grandes prateados, maquiagem social e um sapato estilo oxford, um vestuário pouco comum para alguém que se encontra deitado no piso da rodoviária do Plano Piloto.

Inúmeras pessoas pararam suas atividades e objetivos rotineiros para se relacionar comigo, a *performer* deitada no chão. Se preocuparam, quiseram saber o motivo, me ofereceram ajuda, abrigo, tiraram minutos e minutos do seu dia para

³⁴ Pesquisadora brasileira dos estudos da performance.

³⁵ Eleonora Fabião traz este termo, *programa*, para se tratar das ações performativas. Segundo ela: "me parece a palavra mais apropriada para para descrever um tipo de ação metodicamente calculada, conceitualmente polida, que em geral exige extrema tenacidade para ser levada a cabo, e que se aproxima do improvisacional exclusivamente na medida em que não seja previamente ensaiada". (p. 237)

conversar, para me falar de Deus, dos pecados, para saber de meus motivos, para verificar a minha saúde, o meu bem-estar ou minha sanidade.

Ao iniciar, estava movida pelo objetivo do meu programa e não esperava que as pessoas fossem se relacionar comigo. Estava nervosa, como normalmente fico no início de uma performance, e minha preocupação era encontrar um lugarzinho no meio daquela gente. Assim que deitei e percebi os olhares convergindo à minha presença, entendi o que o meu corpo poderia significar àquelas pessoas.

Me comovi com as palavras doces de preocupação. Vendedores ambulantes me chamaram para deitar perto deles, onde eles poderiam cuidar de mim. Neguei. Transeuntes me perguntavam, entre passos, se eu estava bem. Alguns se agachavam ao meu lado, consternados, e me questionavam os meus motivos. Me deleitei ao escolher respostas diferentes a cada vez. Uma mulher, com sua filha, ficaram longuíssimos minutos me falando a palavra de Deus, em busca de iluminar as minhas escolhas e de me assegurar um amor incondicional. Me senti profundamente afetada por perceber que a preocupação daqueles estranhos para com a minha situação é uma segurança crua de como o meu corpo é tratado de maneira tão diferente. Como disse anteriormente, muitos corpos deitam no chão da rodoviária, mas porque só o meu converge olhares preocupados e palavras de amor? Aqui vemos o fantástico enquanto experiência estética dos transeuntes, enquanto a percepção, por parte deles, de um momento distante das suas experiências cotidianas. Uma leve fratura na realidade.

Neste exemplo, acredito ficar evidente como os corpos detêm uma participação estética inseparável da experiência artística/perfomática. Diferentemente de uma obra plástica ou visual, em que o seu autor é passivamente separável, por não compor diretamente a obra, a performance se torna dependente do corpo autoral. Como coloca Ana Bernstein, comparando ambas esferas artísticas:

O modo de recepção passa, portanto, da observação de um objeto de arte contido em si e independente de seu criador, para uma relação intersubjetiva com o sujeito encarnado do artista em processo de produção do trabalho, trazendo à luz “a relação entre visão e significado, entre o ato de fazer e o ser”, nas palavras de Kristine Stiles (1998, p. 228). (p. 92)

A obra se faz, portanto, no momento em que a *performer* traz à luz e encarna em seu próprio corpo a ação e o programa performativo. Corpo este dotado de significado, que passa a ser algo além de si mesmo e, por outro lado, nada além do que é. O corpo se trans-forma durante e pós performance.

É um simples programa performativo que fricciona questões sociais, raciais e de gênero. Eu, enquanto mulher branca de classe média desempenho um papel específico neste cenário, um papel de contraste. Quais outras fricções desejo provocar enquanto *performer*? Como meu corpo se adapta a possíveis cenários? O que me instiga, inspira e me move?

Essas perguntas nos deslocam à outra característica da performance arte. Ana Bernstein, em seu artigo *A Performance Solo e o Sujeito Autobiográfico*, coloca: “A despeito dessa flexibilidade conceitual, pode-se afirmar que um dos traços principais da arte da performance é o seu caráter Autoral” (p. 91). E ainda:

a fusão do autor e performer é ainda mais complicada pela imbricação do sujeito e do objeto, tanto pelo uso do corpo como um lugar de representação quanto pelo emprego frequente de material autobiográfico (p. 92).

As performances realizadas na rodoviária foram criadas por Fausto Ribeiro, que propunha as ações no instante da realização da obra. As performers não participavam da criação conceitual e provocativa dos programas, ele era o autor. Mas quando pensamos na criação dos autorretratos, por exemplo, a autoralidade se torna autobiográfica.

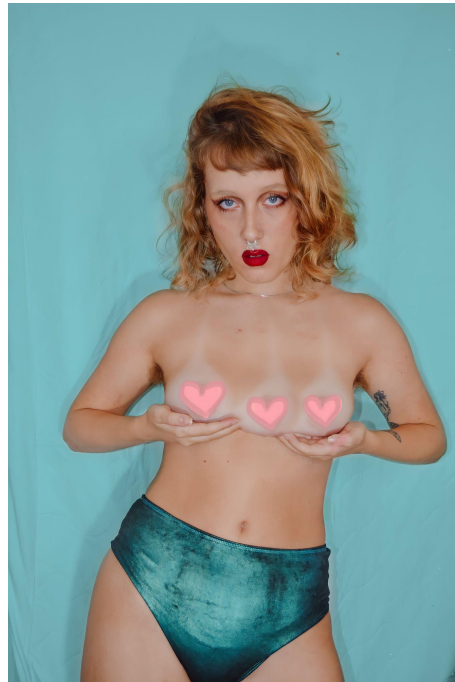
Evoco as perguntas de um parágrafo acima:

Quais outras fricções desejo provocar enquanto performer? Como meu corpo se adapta a possíveis cenários? O que me instiga, inspira e me move?

Respondendo as perguntas: eu desejo provocar fricções que podem desembocar em questionamentos acerca das expectativas de beleza de corpos sexualizados. Meu corpo pode se adaptar a cenários fictícios e pode fraturar a realidade através do deslocamento estético de referências e signos. Inspirada em Ana Mendieta e suas fotoperformances, procuro fraturar a realidade criando

dissonâncias insólitas, com o intuito de afetar as pessoas e, possivelmente, provocar questionamentos interligados à pautas feministas que se coligam à minha experiência autobiográfica. Assim delinco as minhas escolhas estéticas-conceituais e explico a autoralidade performática e autobiográfica. Como no exemplo abaixo, em que trago uma foto e um texto autoral:

Foto 35 - autorretrato dos três peitos



Fonte: tirada pela autora, 2021

Não importa se você tem dois, três ou quatro peitos. Não importa se você é magra, gorda, alta ou baixa. Não importa a sua nacionalidade, a sua idade ou a sua religião. Sempre vão sexualizar o seu corpo, esteja ele coberto ou não. Deixa o meu corpo ser um corpo.

Algo comum ao grupo social das mulheres é a vivência de ser sexualizada, ou ainda, fetichizada, e isso vivo todos os dias. Independente das outras características identitárias que possamos apresentar, nosso corpo é constantemente objetificado, seja na mídia, seja em esferas mais pessoais. Ao criar um terceiro peito, por meio da edição, busco fraturar a realidade e abrir espaço para atravessamentos. Ainda sou objeto de desejo? O meu corpo semi-nu com mais um peito é sexy? É estranho? É fetiche? Se adicionar uma calda, escamas e cinco braços escapo dessa sexualização violenta? Posso viver sem me preocupar? E por quê não? Talvez apresentar este tema desta maneira evidencie a ausência de culpa de qualquer vítima do machismo, afinal, não importa como nos vestimos e como nos comportamos.

Acredito que este autorretrato e este texto ajudem a delinear a potência da autobiografia na performance. Segundo Ana Bernstein:

A autobiografia é geralmente entendida como algo privado, como um olhar que se volta para o interior de si mesmo. A performance solo auto-biográfica, no entanto, como eu pretendo demonstrar nesta apresentação através do exame comparativo dos trabalhos de Karen Finley, Peggy Shaw e Penny Arcade, possui um forte caráter público. (pag. 92).

Ana Bernstein traz esses exemplos por serem performances extremamente pessoais, mas ao mesmo tempo, profundamente políticas por dialogarem com as práticas e teorias feministas.

A performance solo autobiográfica tem, de fato, desempenhado uma função crítica na criação de um espaço discursivo para minorias que não se enquadram na normatividade do discurso ideológico dominante. (Ibdem, p. 92)

Trago aqui o feminismo interseccional, abordado no capítulo sobre autorretratos, por perceber uma tangente entre a noção da universalidade e do caráter público, trazido por Ana Bernstein. A vivência individual é única, incomparável e específica, por contar com a complexidade identitária e com os diversos níveis de opressão. Mas, ainda, existem aspectos muito similares às vivências de pessoas de um mesmo *locus social*, como a vivência da sexualização dos corpos, e assim, as performances podem criar um espaço discursivo para minorias. Como traz Djamila Ribeiro ao analisar Patricia Hill Collins:

E, mesmo sobre indivíduos do mesmo grupo, Collins salienta que ocupar localização comum em relações de poder hierárquicas não implica em se ter as mesmas experiências, porque a autora não nega a dimensão individual. Todavia, aponta para o fato de que justamente por ocuparem a mesma localização social, esses indivíduos igualmente compartilham experiências nessas relações de poder (p. 37).

A sexualização dos corpos, neste caso, é a experiência compartilhada pelas mulheres, por estarem em uma mesma posição hierárquica de poder, subjugada ao machismo. Daí surge o caráter possivelmente público e universal de se abordar este tema performaticamente.

Quando Ana Mendieta espreme seu corpo nu contra uma placa de vidro, me identifico com a sua necessidade de questionar os padrões estéticos femininos e sou, diretamente afetada por sua performance. E, assim, também espero afetar aquelas que vêem este meu autorretrato, não só pela presença de meu corpo, mas pelo contexto estético e performático onde meu corpo está inserido; numa realidade fraturada.

A maneira como cada mulher é sexualizada, porém, depende da interseccionalidade identitária - uma mulher negra é sexualizada de maneira diferente de uma mulher branca, que é sexualizada de maneira diferente se for transexual - e isso varia de experiência para experiência, o que abala a maneira como somos afetadas numa esfera individual por qualquer atravessamento estético.

Enquanto educadora, me interessa potencializar essas experiências estéticas, elevando-as a um nível consciente de questionamento. Me interessa, através destas questões, propiciar o processo de assunção de estudantes e artistas e, quem sabe, propiciar a criação de espaços discursivos para minorias.

Com a prática do autorretrato, atrelada à metodologia autobiográfica, me interessa a provocação de dispositivos criadores, onde é possível pensar os desejos de fricções, as necessidades de expressão e as possibilidades fantásticas estéticas-conceituais.

E é pensando em todos esses aspectos que os convido para o próximo capítulo: Minha Trajetória na Licenciatura.

Mas, antes...

TRÊS CRIAS

Poeta Salgada - 14/06/2021, Jericoacoara

Recentemente, tenho me visto como uma pessoa triste. Percebo que, antes, chorava copiosamente com uma maior frequência, mas a tristeza nem sempre chora. Às vezes, a tristeza é um mar morto, parado, de ondas pequenas e duradouras. Às vezes, a tristeza é uma praia cinzenta e nublada, ameaça chover, mas nunca chove, nem troveja.

Penso, com um certo saudosismo culpado, sobre meus episódios dramáticos feitos de sal, ferro, sangue, careta e sons abafados. Me lembro da sensação de arrastar a coluna pela parede e de me comprimir contra as minhas pernas dobradas, pequena, querendo sumir. Há uma certa beleza na tristeza feia. Choro, secretamente, me olhando no espelho. Um misto de estudos performáticos, de ego, de curiosidade e, principalmente, de empatia. Gosto de me fazer companhia durante a tristeza tempestual. Gosto de ver o meu nariz escorrendo, minhas bochechas vermelhas, meus olhos inchados. Talvez seja pelo fascínio das grandes e explosivas emoções. De me sentir viva.

Não tenho me sentido muito viva ultimamente. Tenho me sentido privada de viver. Por minha própria tristeza e pelos outros. Me chateio quando sou melancólica durante as tardes ensolaradas em que tenho companhia. Me chateio quando já acordo melancólica. Ou quando me torno melancólica ao longo do dia. A melancolia carrega uma falsa sensação de poesia. Ainda mais esta melancolia seca.

5 MINHA TRAJETÓRIA NA LICENCIATURA

Me lembro de estar na UnB, com a minha avó, em algum anfiteatro do ICC sul. Tinha acabado de fazer a foto para a minha carteirinha de estudante e estava muito feliz com o início de uma aventura tão desejada. Já me imaginava andando por aqueles corredores, encontrando velhos amigos e fazendo novas amizades. Fui à mesa no centro da sala, entreguei meus documentos e recebi um

papelzinho pequeno, que deveria preencher com algumas informações. Nome: Rafaela Giavoni. Curso: Artes Cênicas. Bacharelado ou Licenciatura: ?.

Eu não sabia.

O que significava, afinal, preencher uma dessas opções. O que era, de fato, cursar Artes Cênicas em bacharelado? O que significava: Artes Cênicas, licenciatura? Como essa escolha impactaria a minha experiência universitária? Minha avó, que já estava preocupada com a minha escolha acadêmica, que jogava durante o almoço comentários suspeitos, enaltecendo cursos que ela julgava serem similares, mas muito mais rentáveis e estáveis, como arquitetura ou design, me aconselhou de antemão a escolha de se fazer licenciatura. “Pense que a licenciatura te possibilita escolhas de empregos mais estáveis! Imagina, se formar e ser professora, que bacana!”. É, bacana. Deve ser legal. A possível estabilidade me seduziu, assim como a ideia de dar aula e ser uma boa professora. Afinal, a educação é tão importante! Não é mesmo? Acho que seria bacana ser uma professora de ensino médio. Quem sabe os alunos me adorariam e eu conseguiria impactar positivamente cada um. Quem sabe eu me apaixonaria pela profissão. Quem sabe a arte salva e eu salvaria alguém.

Aquele pequeno x, dentro da caixinha de Licenciatura, iria mudar a minha vida pelos próximos anos e com o passar do curso fui entendendo, mais profundamente, como essa escolha impactava a minha experiência universitária. Porque, até o quarto semestre, ambas as graduações cursavam as mesmas disciplinas e o que antes parecia uma escolha simples, foi tomando proporções maiores ao perceber que a minha turma ia, aos poucos, se separando. Fui deixando de participar tão ativamente do departamento, minhas aulas foram se espalhando pela universidade, fui conhecendo novas salas e outras pessoas. Já não via meus colegas cotidianamente e, com sorte, conseguia fazer alguma disciplina junto de meus amigos.

Confesso que passei a sentir muita falta das aulas práticas. Me sentia um pouco triste de ir à Faculdade de Educação, de me sentar na cadeira, às vezes, por 3 horas e assistir aulas sobre temas mais técnicos e teóricos. Constantemente procurava desculpas para faltar e sempre me emocionava ao ver

as apresentações de meus colegas do bacharelado no Cometa Cenas³⁶, orgulhosa de seus amadurecimentos e descobertas enquanto artistas. Ao mesmo tempo, não me via fazendo bacharelado, porque atriz eu já não me considerava mais. A um tempo começava a entender a minha paixão pelas áreas mais estéticas das Artes Cênicas, como o figurino, a maquiagem e até a performance arte. Trocar para bacharelado não era uma opção. Onde eu estava então?

Fui levando, um dia após o outro, me contentando com a minha escolha e procurando prazer na área de licenciatura. Me encantava pelas discussões sobre o aprendizado, sobre as escolas alternativas, sobre a relação professor/estudante... Todas as professoras de Licenciatura que me deram aula eram inspiradoras e ótimas profissionais. Me sentia a criança que não queria tomar banho, mas quando entrava debaixo do chuveiro aproveitava cada gota de água.

É essa relação paradoxal que me acompanhou durante o curso e o seu ápice foi a disciplina de Estágio Supervisionado I.

Ao iniciar tal disciplina, me sentia absolutamente apavorada. Dar aula me apavorava. Pensava ser incapaz de ensinar e me sentia muito insegura. A escolha da escola foi muito difícil e chorei mais de uma vez durante o processo. Mas desistir não era uma opção, estava muito determinada em me formar. Segui o fluxo das disciplinas até o último momento e eu tinha que conseguir. E não só conseguir. Eu tinha que ser perfeita. Ótima. Sagaz. Intelectual. QUE TAMANHA RESPONSABILIDADE É SER UMA PROFESSORA!

Me sufocava a responsabilidade. Como poderia entrar em sala de aula? O que os estudantes pensariam de mim? Eu, uma mulher branca, privilegiada, que estudou em escola particular a vida inteira. Como poderia entrar em uma escola pública - que acreditava ser o meu dever - e me conectar com aquelas pessoas. Como poderia falar sobre a teoria teatral? Sobre *Antígona*, Shakespeare, Augusto Boal? E se eu me perdesse? E se eu errasse? E se eu não fosse capaz? Quatro anos de curso para não saber de nada? O que eu estava fazendo? Eu sabia e acreditava que o papel de professora não é o de jorrar conhecimento em cálices

³⁶ Mostra de teatro da Universidade de Brasília, que acontece todos os semestres como fechamento das disciplinas.

vazios. Eu acreditava na troca mútua de saberes. Eu entendia que é um processo construído em parceria. Mas, ainda assim, não sabia se conseguiria aplicar essas crenças na prática.

Compartilhava meus temores em sala de aula e um querido amigo, que também estava fazendo a disciplina, me propôs de irmos juntos atrás de uma escola. Eu queria ensino médio, mas as escolas da região não tinham mais vagas. Fomos, então, parar em uma escola pequena, na 410 Norte, de ensino fundamental 2. Ele foi à frente, abrindo caminho e eu, nervosa, fui atrás. Era muito estranho me ver embebida nessas sensações, porque sempre fui desinibida e corajosa. O medo, o receio e a ansiedade estavam tomando conta de mim.

Os funcionários da escola não foram tão intimidadores como imaginei e logo iniciamos o nosso estágio. O professor era extremamente divertido e nos fez sentir muito tranquilos e acolhidos durante o processo. Conversávamos muito sobre diversos assuntos, ele contava piadas e a maneira como ele lidava com os estudantes era, normalmente, muito informal e despretensiosa. O medo e a insegurança foram se esvaindo e ter o meu amigo por perto me dava coragem. Os pré-adolescentes, de 10 à 12 anos, das três turmas que acompanhamos (duas de sétimo ano e uma de sexto ano), nos acolheram rapidamente e juntos criamos um espaço muito positivo de troca. A escola, amedrontadora, foi se tornando um canto de prazer. Os estudantes estavam abertos a nos ouvir, e nós estávamos abertos a ouvi-los, assim como o professor era muito receptivo às nossas sugestões. Confesso que o caos era intimidador, e que os estudantes eram muitos. Mas dentro do caos fui me sentindo mais confortável e fui percebendo que a imperfeição sempre faria parte do processo.

Eu me apaixonei pelos estudantes e as individualidades de cada um eram muito comoventes. Me sentia emocionada pelas trocas que fomos criando e pela maneira como eles se sentiam instigados com a nossa presença. Passávamos os recreios conversando no meio dos pré-adolescentes, daqueles que faziam parte das turmas que acompanhávamos e daqueles que não faziam parte. Aos poucos fomos nos tornando amigos e eles nos confiavam desabafos e pediam conselhos. Fui percebendo como os nossos anos a mais faziam diferença e como eu era

capaz de lidar com a responsabilidade de acolhê-los. Afinal, já se passaram 11 anos desde que eu tive 12 anos. Já fiz parte do sétimo ano e me lembro bem como era estar apaixonada nessa época. Ou como era me sentir frustrada com as matérias que não gostava tanto.

Mas, por outro lado, fiquei muito impressionada com as diferenças que percebi nos pré-adolescentes de hoje. Eles já discutiam, mais profundamente, questões relacionadas à sexualidade, gênero e identidade. O contato com esses temas fizeram as alunas de 10 anos, do sexto ano, expulsarem um estagiário acusando-o de pedofilia. Elas perceberam que o seu comportamento não era aceitável e comunicaram a coordenação. Vi, também, um aluno que era abertamente homossexual, ser ajudado por seus colegas a voltar com o seu ex-namorado, também estudante da mesma escola. Na minha época, a homossexualidade era muito fortemente tratada como característica passível de banalização e depreciação. Não querendo reduzir a profundidade dessa discussão a essa minha experiência específica, mas trazendo tal experiência como exemplo para a discussão, percebi as mudanças, ainda lentas, na aceitação dos jovens atuais, e além, no processo de suas assunções. Me recordava, constantemente, da minha própria experiência enquanto estudante - que ocorreu a poucos anos atrás - e percebia como esses assuntos eram muito mais distantes e, às vezes, impensáveis. Como tive professores abusadores até o meu último ano de ensino médio e como era difícil tomar alguma iniciativa sobre isso. Fiquei muito feliz e esperançosa com esses relatos, desabafos e observações, que vinham de maneira muito natural por parte dos estudantes.

Éramos amigos, mas também, tínhamos certa autoridade por sermos estagiários. Essa junção era muito interessante de ser percebida. Quais eram os limites? Eles iam até nós querendo auxílio escolar. E também iam até nós querendo conselhos pessoais. Até que ponto podíamos tratar de certas questões e até que ponto podíamos tratar de outras? Era difícil perceber em que momento cada indivíduo estava, pois algo muito interessante dessa faixa etária é a diferença gritante entre o amadurecimento dos estudantes. Alguns já experienciavam a própria sexualidade, outros ainda achavam impensável considerar um beijo de língua. Alguns já eram altos e peludos, outros eram pequenos e mirrados.

Considerando a nossa experiência em sala de aula, enquanto professores, ou melhor, estagiários, ficávamos bastante responsáveis pela condução do ensaio da apresentação final. O professor depositava extrema confiança em nossa capacidade pedagógica e, constantemente ia resolver questões relacionadas a outros aspectos da apresentação, como objetos de cena e figurinos. Isso nos permitiu uma certa liberdade, mas, por outro lado, extrema responsabilidade.

No início de cada aula, por sugestão de meu querido amigo, fazíamos uma roda com os estudantes e perguntávamos questões relacionadas à maneira como eles se sentiam e ao processo de ensaio da peça. A escuta aos estudantes fizeram as aulas ficarem mais cheias e eles adoravam serem ouvidos. Era, inclusive, relativamente difícil começar o ensaio da peça, porque eles queriam continuar a falar sobre seus sentimentos. Por outro lado, percebíamos como eles ensaiavam de maneira mais concentrada e calma, prestando atenção, mesmo quando não estavam em cena. Trazíamos conhecimentos que tínhamos aprendido durante nossa experiência enquanto estudantes de Artes Cênicas de maneira muito natural e percebi o quanto os quatro anos de graduação tinham valido a pena. Eu era capaz de conduzir um ensaio de pré-adolescentes. Eu me sentia, mesmo que minimamente, capaz de ser professora.

O fim do estágio veio com um misto de missão cumprida e de melancolia por não ver mais os estudantes e por não mais fazer parte daquela escola. Fui mais dias do que os programados para acompanhá-los no fim do ano e me emocionei muito vendo a apresentação final das turmas. Como era legal vê-los animados para apresentar, se arrumando na coxia, relembro as falas. Me vi neles. E me emociono ao escrever, lembrando da importância do teatro na minha formação pessoal.

Não é à toa que escolhi fazer Artes Cênicas! Faço teatro desde os meus cinco anos e é impossível pensar em mim sem o teatro. Estar nas coxias e nos palcos foram partes fundamentais da minha vida, que corroboraram para o meu entendimento das minhas potências e desejos. Me ajudaram, em muitos momentos, a me assumir e a me afirmar. E me emociona muito me recordar dessas lembranças, porque foi um processo difícil perceber que eu não queria

ser, ao menos profissionalmente, atriz de teatro. Me faz triste pensar que eu me distanciei, justamente, durante a graduação de Artes Cênicas. E ainda hoje, me sinto tão distante e tenho demasiada saudade de estar em uma sala de ensaio, de me sentir despretensiosamente livre como me sentia com Simone Marcelo, no ensino médio, de me sentir pertencente como eu me sentia no palco do Cresça, de sentir a minha evolução, como senti nas aulas de *Drama Class* do Red Balloon.

Por outro lado, a graduação em Artes Cênicas me apresentou e afirmou outras paixões, outras vontades, outros desejos e espaços dos quais eu sinto que fazem mais sentido para mim - um pouco mais distantes do teatro, mas muito próximos de outras ramificações das Artes Cênicas. E a isso, eu sou eternamente grata! Afinal, mesmo na minha prova específica³⁷, em um ato de coragem, disse que o teatro não era minha única paixão. E em resposta, Sonia Paiva³⁸ me acalentou o coração, me assegurando quantas outras coisas eu poderia vivenciar nessa graduação. E ela estava absolutamente certa! O contato com a performance arte, com o projeto de direção, com as disciplinas de encenação, as de educação, e tantas outras, teóricas e práticas, me acordaram para outros sonhos e desejos.

Percebo que, por mais que minha experiência no Estágio I tenha sido surpreendentemente maravilhosa e inspiradora, não me sinto atraída pela vida de professora de teatro da educação básica. Estar alí, apenas por um dia da semana, resolvendo as partes divertidas, mesmo que plenas de responsabilidades, e pouco burocráticas, era muito gratificante! Eu, afinal, percebi que gosto muito de ser professora (apesar de ainda enfrentar um certo medo) e gosto muito das trocas que são possibilitadas por performar este papel. Contudo, não me vejo vivendo a rotina que exige esse trabalho. Não me vejo corrigindo provas, das quais, metodologicamente e ideologicamente eu provavelmente discordo, computando presenças, acordando cedo, seguindo um planejamento de

³⁷ Para ser aceita no Departamento de Artes Cênicas, enquanto graduanda, é necessário, para além do vestibular, fazer uma prova específica. Na minha época, a prova se dividiu em dois dias, o primeiro foi um encontro semelhante a uma aula de teatro, e o segundo havia uma banca que avaliava duas cenas e conduzia uma entrevista.

³⁸ Professora do Departamento de Artes Cênicas, pesquisadora e artista multimidiática.

aula mais restrito... Por mais que a BNCC seja inspiradora, até que ponto é possível realizar competências e habilidades abordados por ela?

Acho, contudo, uma profissão respeitável e absolutamente necessária. Talvez, apenas, não seja eu quem vai realizá-la, principalmente pelos fatores práticos relacionados à rotina. E não pelo meu inexistente ceticismo de achar que as mudanças são irrisórias e impossíveis. Eu acredito na possibilidade de mudança, através da luta diária, da militância, resistência e de um propósito bem estabelecido dos profissionais que estão na linha de frente.

Pensando nesses fatores, me deparei com um formato de aula - porque quero contribuir para a mudança e praticar a docência - que muito me interessa: o formato de oficina. Neste formato, conto com uma maior liberdade de assuntos a serem abordados, com uma flexibilidade em questão à duração dos encontros - seja em relação à escolha dos horários, seja em relação à quantidade de dias - uma possibilidade de especificação do público à ser trabalhado - público este que, na maioria das vezes, não está presente de maneira obrigatória - com a possibilidade de trabalhar dando um enfoque nos exercícios práticos, abarcados por uma pesquisa teórica de minha escolha... a oficina, em outras palavras, possibilita uma autonomia, que muito me seduz atualmente. Autonomia esta que busco em meus trabalhos artísticos e performáticos. Não por não acreditar nas instituições, principalmente aquelas públicas, mas por acreditar que, neste formato, conseguirei potencializar a minha prática.

5.1 OFICINA - EU FANTÁSTICO

Quando Adriana Lodi, minha queridíssima orientadora, me alertou da necessidade de se ter um pouco mais de embasamento prático para a escrita deste TCC, dei a ideia de planejar, então, uma oficina baseada nas minhas pesquisas acerca da metodologia de criação autobiográfica, da autoficção, da performance arte e do realismo fantástico. Assim, desenvolvi a Oficina - *Eu Fantástico*, que tinha como objetivo, a realização de dois autorretratos, um em formato de vídeo e outro em formato de foto. Aderi o autorretrato como

metodologia por acreditar nas suas potências pedagógicas e didáticas. Qual a sensação de idealizar uma obra em que o seu próprio corpo está presente? Como você coloca o seu corpo? Ao redor de que? Sob qual contexto e qual perspectiva? Será que o autorretrato corrobora para o processo de assunção? Quais aspectos da identidade transparecem na composição da foto? É uma foto com aspectos fantásticos? É autoficcional?

Cartaz 36 - Oficina - Eu Fantástico



A partir de uma abordagem autobiográfica, experiencie a criação estética, híbrida e performática.

16, 18, 20, 23, 25, 27 DE AGOSTO DE 2021
16H ÀS 18H
INSCRIÇÃO VIA FORMULÁRIO

RAFAELAGIAVONI@HOTMAIL.COM

Fonte: feito pela autora, 2021

Segue, abaixo, um link para acessar mais informações sobre a Oficina - Eu Fantástico:

https://www.canva.com/design/DAEuPs4fSmw/acQeRy22YTAHGUpPS1T9Iw/view?utm_content=DAEuPs4fSmw&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=publishsharelink

Pela extensão de todos os planejamentos de aula, trarei alguns exercícios pontuais, realizados na oficina, que acredito ilustrarem o que entendo como metodologia de criação autobiográfica. O primeiro foi realizado no primeiro encontro e consiste em um exercício de auto-observação, focado na experiência de se recordar a vida, do nascimento ao momento atual. Os participantes fecham os olhos, através de uma condução verbal procuram se atentar ao ambiente que os cerca, às sensações do próprio corpo e às emoções. Aos poucos inicia-se uma fala do condutor (no caso, eu) com o intuito de estimular certos pensamentos que, possivelmente, emergem algumas memórias, sensações e recordações. Segue uma transcrição da minha fala no dia do exercício:

Em um dado dia específico, em um certo instante muito particular, um óvulo e um espermatozoide se encontraram, e este encontro ocasionou em VOCÊ! Duas células que se tornaram 4, 8, 62, 4568, 30000234... duas células que eventualmente geraram esses dedinhos do pé, que você tem, os fios do seu cabelo, o seu pâncreas, a sua língua e esse narizinho, que só se tornou realmente necessário, no dia em que você se esgueirou pelas paredes de uma vagina, ou foi resgatado através de um corte numa barriga. Você se lembra desse primeiro encontro com o mundo? Se lembra quem estava presente neste momento? Se lembra como foi sentir o ar inundar os pulmõezinhos? Os primeiros meses da sua vida podem ter sido calmos, ou agitados. Com certeza foram cheios de novidades! Aos poucos os seus sentidos foram se aguçando e em um curto espaço de tempo, você aprendeu mais do que vai aprender em toda a sua vida! Se lembra de perceber as cores do mundo? De gargalhar pelo som das vozes dos adultos? De aprender sobre as texturas dos objetos? Você se lembra de encostar o pezinho no chão? Se lembra de mamar? Lembra do seu objeto preferido? Lembra de aprender a andar? E qual foi a sua primeira palavra?

Talvez, como eu, um dia entrou na escola e percebeu que existem várias outras crianças por aí. Talvez você já convivesse com irmãos mais velhos ou mais novos que você. Talvez brincasse com as crianças na rua da sua casa. Ou com os primos na casa da vó. Você se lembra do primeiro dia na escola? Se lembra do vigésimo? Você fez bons amigos, nesse período? Você comia massinha, fazia ciranda ou brincava de boneca? Qual era sua brincadeira favorita de criança? E a sua cor favorita, naquela época?

Você se lembra de como foi aprender a ler e escrever? Se lembra de como foi folhear o primeiro livrinho? Se ia a peças de teatro com a família? Se você gostava mais

de desenhar do que de jogar bola. Você era uma criança extrovertida, bagunceira, falante e participativa? Ou era uma criança mais introvertida, quietinha, organizada?

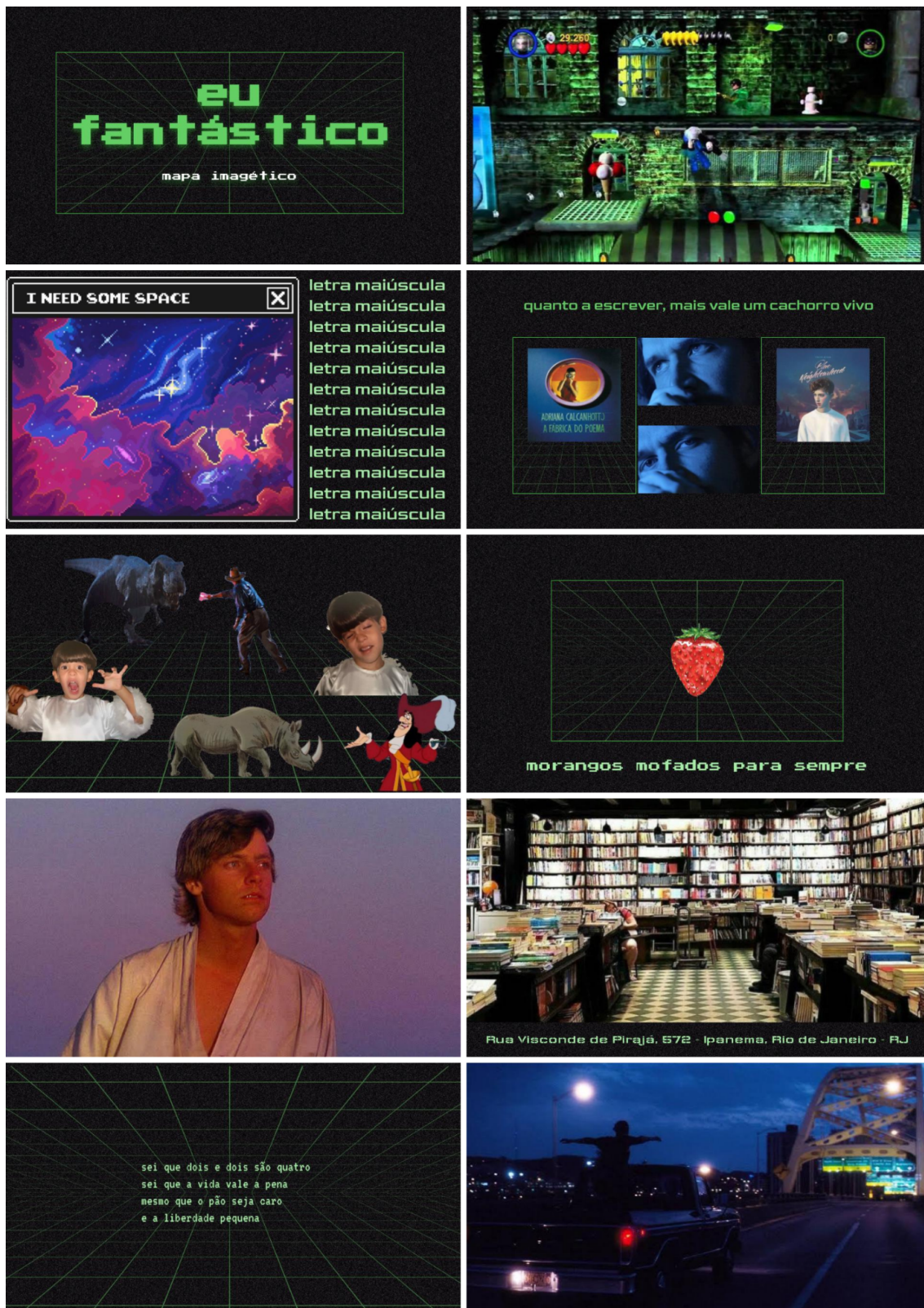
Em algum momento, as coisas começam a ficar ainda mais confusas. O corpo começa a mudar, os interesses oscilam, talvez comecemos a explorar aspectos da nossa sexualidade e do nosso gênero. Entendemos que o mundo é ainda maior do que pensamos e nos deparamos com questões complexas. Como era sua relação com esses aspectos? Como foi viver essa fase de transição? Quem eram seus amigos, suas bandas preferidas, os papéis mais badalados e os limites mais insuportáveis?

A adolescência se aproximou com carinho, ou como um furacão? As relações com seus guardiões foram desestabilizadas ou fortalecidas? A escola ficou mais difícil e insuportável, ou mais interessante e convidativa? Quais eram seus medos, e desejos, e traumas, e paixões, e crenças e dificuldades e interesses? Eles permanecem os mesmos? Você saiu muito com os amigos? Você trabalhou? Você beijou na boca? Entrou na terapia? Você se lembra do momento em que se percebeu diferente? Mais adulto, eu quero dizer. Como foi esse processo pra você? Como é esse processo pra você? Em que momento da vida você se encontra?

A partir deste exercício, entre outros diálogos, provocações e discussões sobre noções, pedi para os participantes fazerem uma escrita automática e criarem um Mapa Imagético da Identidade, que seria apresentado no próximo encontro. Este mapa deveria ter, no mínimo, 10 imagens e os participantes poderiam escolher fotos de acervo pessoal, assim como imagens baseadas em cores, em estampas, paisagens, ídolos, marcas, pinturas... tudo aquilo que eles achassem que os compõem. Didaticamente, o mapa procura incentivar a percepção de elementos conceituais, mas, principalmente estéticos, de suas preferências pessoais. Nas próximas páginas, dois mapas de dois participantes:

Primeiro:

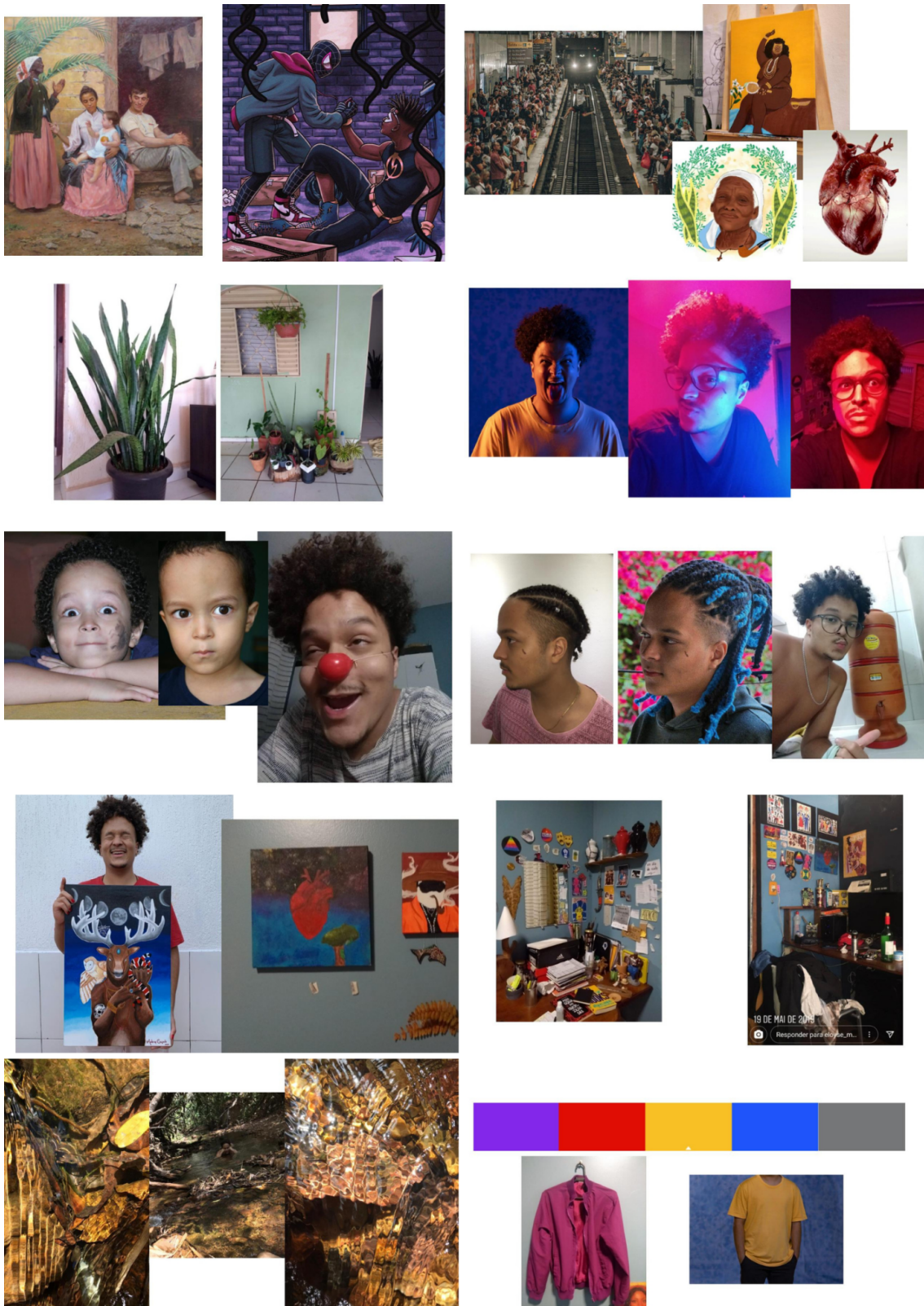
Imagem 37 - Mapa Imagético da Identidade I



Fonte: Cristiano Moutella

Segundo:

Imagem 38 - Mapa Imagético da Identidade II



Fonte: Davi Lúcia

Os participantes apresentaram os seus mapas da maneira como desejaram. Podiam elencar frases, explicar o porquê da escolha das imagens ou, simplesmente, não falar nada. Após as apresentações de cada um, os outros participantes diziam palavras que os remetiam a experiência de ver os mapas imagéticos dos colegas e assim, juntos, fomos tentando trazer para a consciência padronagens, referências, paletas de cores, assuntos recorrentes... aqui um trecho que escrevi após o fim do segundo encontro:

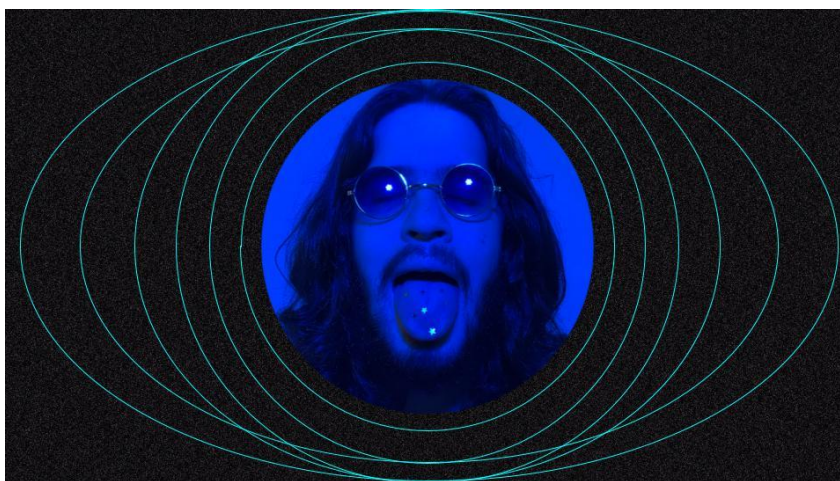
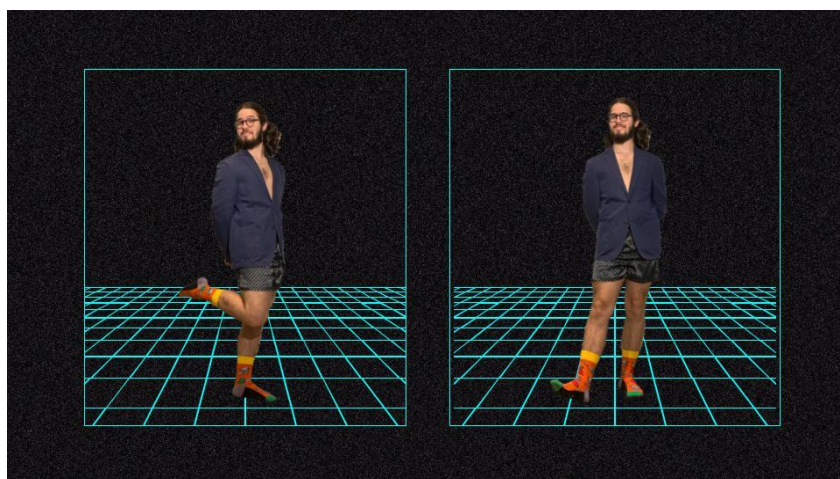
Ao final de cada apresentação, os participantes elencavam palavras para descrever as sensações sentidas pelo mapa imagético de cada um, e achei esse exercício interessante por trazer um feedback estético, ou conceitual, ou subjetivo, sobre a experiência de se olhar o mapa imagético da identidade para a pessoa que fez o mapa. Acho que ajuda a trabalhar um lugar de consciência em relação às tendências, potências, padrões, cores... Achei o exercício muito legal porque mostrava, de forma muito evidente, as diferenças entre os participantes, por mais que estes também tivessem semelhanças. Mostrava as diferenças e semelhanças de maneira estética e conceitual, mas também subjetiva, tanto em relação ao mapa quanto em relação ao feedback das palavras.

Ainda no segundo encontro, trouxe propriedades de imagens: enquadramento, cores, luz, estilo e edição, através de uma apresentação de *powerpoint*. A partir de fotos referências, tratava de abordar o porquê da escolha de cada imagem e como ela agregava a construção de um repertório técnico. Abaixo, segue o link da apresentação. As páginas referentes a este encontro são as de número 16 até a 64.

https://www.canva.com/design/DAEiBwMcrG0/KAIJQISsZ9oAuuzcGZkYxQ/view?utm_content=DAEiBwMcrG0&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=publishsharelink

Pedi, então, para que eles fizessem o primeiro autorretrato para o próximo encontro, tendo como referência a apresentação das propriedades de imagem, o Mapa Imagético da Identidade e a escrita automática do primeiro encontro. Segue abaixo, os autorretratos dos dois participantes donos dos mapas imagéticos aqui apresentados.

Foto 39, 40, 41 e 42 - autorretratos dos participantes



Fonte: Cristiano Moutella e Davi Lídia

Me surpreendi muito positivamente com o resultado dos autorretratos e com a disposição dos participantes de interagirem uns com os outros, pontuando aspectos estéticos, subjetivos e conceituais referentes ao Mapa Imagético da Identidade de cada um. Ter esse material como referência interferiu na produção de todos os autorretratos e na construção de uma identidade artística.

Nesses dois exemplos observamos, bem concretamente, a influência de cores, elementos e sensações. Como eles permanecem em uma mesma linha estética, se utilizando dos mapas como referências. Vemos, também, as inúmeras diferenças entre as suas obras, traçando, possivelmente, as potências da metodologia autobiográfica no processo de assunção de uma identidade estética.

A partir da apresentação do autorretrato, lancei uma série de perguntas provocativas:

- *Como foi apresentar a minha imagem?*
- *Como foi ver as imagens dos colegas?*
- *Qual imagem me foi mais impactante? Por que?*
- *Quais cores escolhi para minha imagem?*
- *Qual ambientação escolhida? Por que?*
- *Qual emoção pretendia expressar com minha imagem?*
- *Eu me oriento mais pela estética ou pelo conceito?*
- *Eu estou em um cenário fictício ou cotidiano?*
- *Eu tenho uma abordagem questionadora ou militante na minha fotografia? Como isso me impacta?*
- *A pessoa na foto se parece comigo mesmo?*
- *Eu me senti livre para criar esta imagem?*
- *Consegui deixar minha criatividade rolar?*
- *Fui, de alguma forma, poético, metafórico, hiperbólico, fantástico?*

Comecei, então, a introduzir a autoficção e o realismo fantástico. Utilizando as primeiras palavras do livro *Cem Anos de Solidão*, “Muitos anos depois” (p. 5), provoquei-os a escrever um pequeno texto, tendo como protagonista, a pessoa dos autorretratos, numa vontade autoficcional e fantástica de extrapolar o autobiográfico. A autoficção como liberdade de criação.

A autoficção, na minha pesquisa, é, também, fantástica e performática. Trouxe, em um encontro, o que entendo como performance a partir de citações de Eleonora Fabião. Apresentei, também, algumas referências de performers que trabalham com o hibridismo - já que suas produções seriam híbridas - como Berna Reale, Guillermo Gomez-Pena, Juno Birch, Kate Gilmore. A partir desta discussão e apresentação, pedi para que eles escrevessem uma carta para alguma parte de seus próprios corpos e esta carta, assim como todos os outros materiais produzidos na oficina, serviriam de inspiração para a feitura do próximo autorretrato, agora em formato de vídeo. Aqui segue o autorretrato do segundo participante.

<https://drive.google.com/file/d/1tEiJFUZmqgXU6o4qSkewP2Y1SxkRSw-R/view>

Este autorretrato evidencia a possibilidade da fantasia e da ficcionalidade no experimento performativo híbrido. É uma fratura na realidade. Em que lugar ele está? Por que ele se veste desta maneira? Por que ele age assim?

O participante traz muitos daqueles mesmos elementos presentes em seu autorretrato anterior e em seu mapa imagético da Identidade, o que delinea uma pesquisa estética-conceitual e identitária. Trabalha, através de aspectos sutis, questões de desejo pessoal, como procuramos dialogar e desenvolver em nossos encontros. E potencializa o seu processo de assunção, pela maneira como ele se propõe enfrentar algumas inseguranças pessoais e pela maneira como ele relaciona, desde as suas referências imagéticas, particularidades suas, como a ancestralidade.

Trago, abaixo, as minhas impressões, escritas logo após a finalização da oficina:

Hoje foi o último encontro dessa oficina que me foi tão querida e tão especial. Comecei esse processo bem nervosa, com medo de não ter conhecimentos válidos, ou com medo de não conseguir conduzir os processos. Esse conjunto particular de participantes, em sua grande maioria colegas e amigos de curso, se mostraram extremamente disponíveis, queridos e participativos. Percebi como eles estavam em um lugar de escuta, paciência e tolerância com o meu processo, e isso foi muito reconfortante e incentivador.

Nesse último encontro, os participantes mostraram o último autorretrato, em formato de vídeo e comentaram sobre os autorretratos alheios. Os resultados finais foram todos bem diferentes e a particularidade de cada um transpareceu nos vídeos. Alguns tinham falas como elemento secundário, outros tinham falas como elemento mais presente e protagonista, alguns se atentaram mais para os elementos técnicos de filmagem e edição, outros para a realização de ações, alguns vídeos tinham mais cortes, outros apenas um, ou dois. Os corpos sempre presentes, vestidos, coloridos, visíveis... Alguns se atentaram ao cenário e à locação de maneira mais refinada. Outros se preocuparam mais com o processo, a fluidez e a fruição de ações. O mapa imagético era muito presente em alguns vídeos, em outros não. Acredito que consegui instigar a criatividade dos participantes para a criação desse trabalho e acredito que eles se vêem mais capazes de criar materiais audiovisuais.

Os comentários foram bem bacanas e completos, sempre se propuseram a trazer observações de maneira carinhosa e positiva. As sugestões de possíveis ações e elementos que não estavam presentes no vídeo, sempre eram feitas de maneira inteligente e carinhosa. Ótimas críticas construtivas.

Nas minhas observações, tentava trazer aspectos mais técnicos referentes aos elementos dos vídeos. Como enquadramento, disposição de objetos, possíveis significados, relações entre os corpos, cortes de cenas, volume dos áudios. Mas também, tentava instigá-los a perceber como, com algumas pequenas alterações, símbolos e significados poderiam ser diferentes. Talvez em um espaço maior o vídeo traria outras sensações... talvez com mais elementos, o vídeo emergiria outros afetos... Tentei fazer com que eles percebessem como os signos e símbolos estéticos carregam significados e como determinadas ações também. Queria instigá-los a trazer essas relações para a consciência. Mas,

acredito que eles já sejam muito sagazes nesse sentido. Afinal, são meus colegas artistas. Muito queridos, amáveis e carinhosos.

OBRIGADA! Nem acredito que deu certo. Tive ótimos feedbacks de como o meu material estava rico ao longo da oficina e de como os exercícios os instigaram criativamente. Também recebi feedbacks de como esse espaço, que não funciona a base de avaliações formais, como a universidade, permite uma troca diferente. Isso é muito inspirador. Quem não queria mais, ou não podia mais participar, foi largando a oficina, e tudo bem! Tudo bem demais. Cinco participantes me parece ser uma quantidade ótima para esse processo, porque as trocas de experiências e sensações, que me são muito queridas e importantes, duravam muitos e muitos minutos. Eu acredito ser extremamente construtivo deixar com que os participantes se expressassem, fosse assuntos relacionados aos processos mais técnicos e criativos, fossem assuntos relacionados à questões mais pessoais, que com certeza, também borram os assuntos mais técnicos.

Enquanto provocadora, me senti cada dia mais à vontade para ser mais eu mesma e foi muito confortável ter o apoio e o suporte dos participantes. E é engraçado eu duvidar de mim, quando meu processo é todo baseado em potencializar as nossas potencialidades e forças pessoais. Uma grande lição para Rafa Giavoni. Os erros e equívocos e frustrações irão acontecer, e tudo bem. Não significa que eu não sou capaz e que os meus conhecimentos não são válidos. Eu vivo a frequência do amor e isso é muito potente em mim enquanto provocadora. Quero fazer com que os meus futuros estudantes se sintam à vontade, e acredito ter capacidade para tal. Quero construir um espaço acolhedor, e acredito que consegui criar esse espaço durante a oficina. Viva!

E assim finalizamos a oficina - Eu Fantástico, e por conseguinte, este capítulo. E por conseguinte, este trabalho. Mas antes...

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida se faz de tantas formas. A minha diferente da sua. A sua diferente da minha. Cada milésimo de segundo pode ser uma experiência que nos atravessa. Cada respiro uma inspiração para criar. Cada curva de um caminho, material artístico. Cada palavra, uma poesia. Cada movimento, uma dança. Cada memória, uma fotografia.

Minha intenção era delinear essas possibilidades com a minha escrita autobiográfica. Queria esboçar como os vários detalhes da nossa trajetória desembocam em acontecimentos particulares, potentes e sutis. Sou quem sou hoje, porque já fui tantas outras. E serei tantas outras ainda. Mesmo sendo apenas uma.

Entender o que me compõe desenvolve a minha identidade e engrandece o meu entendimento de como ela pode se expressar. E como é importante, enquanto artista, saber o que nos borbulha de dentro para o mundo e do mundo para dentro. Ter consciência de quais caminhos queremos tomar, o que queremos abordar, o que podemos evidenciar com nosso corpo e nossa história, é imprescindível para concatenar a nossa produção artística em transformação.

A inspiração e substância da criação não precisa ser distante, pode nos ser muito íntima. Pode vir a partir de uma carta para uma parte do corpo, de uma cor que nos impacta, ou de uma vivência cotidiana. E pode se tornar um autorretrato ficcional, uma *Cria* ou um programa performativo. Pode nos surpreender em seus desdobramentos.

Inventamos a roda, a aeronave, o ônibus espacial. Por que não fraturamos a realidade ainda mais? Por que não alargamos o cotidiano? Por que não damos vida aos artefatos e comportamentos com aspecto de impossível do nosso imaginário desejoso? Por que não urramos para longe o que somos e o que

queremos e o que necessitamos e o que sonhamos? Por que tememos nos assumir para o mundo? Por que não o fazemos através de fantasia?

O realismo fantástico e a performance arte, através de uma abordagem autoficcional, é o caminho que escolho. É como sacio a minha necessidade de expressão. É como mantenho viva a minha imaginação juvenil, onde os dragões ainda habitam e onde me delicio com as possibilidades de uma realidade dissonante e insólita. É como abro espaços para afetações e possíveis questionamentos. E como materializo minhas criações neste mundo estético.

E em meio a tantos oprimidos, sinto ser necessário urrar ainda mais. Dizer o que falta. O que nos devem. E digo através da arte e da educação! Por que não? Desejo ajudar a escancarar esteticamente as nossas lutas, mesmo que minimamente. Escovar à contra-pelo! Abrir espaços e caminhos na mata densa da conformidade. Pegar na mão de quem precisar e ir junto, assim como pegam na minha.

O autorretrato vem como prática artística e pedagógica. Busca, através de suas características autônomas, criar oportunidades para nos olharmos da maneira como desejamos. Para que nosso corpo seja, tanto fazedor de arte, quanto a arte em si. Celebremos a nossa carne. Discutamos o que ela significa, como ela se molda e em torno de que. Ela condiz com nosso interior complexo?

Assim, espero realizar a oficina - Eu Fantástico ainda tantas vezes. Quero aprimorar a metodologia de criação autobiográfica e, quem sabe, inspirar artistas e estudantes a se deliciarem com a autoficção. Quero espalhar a palavra da performance arte, assim como quero jorrar as fontes de referência em que bebo para, quem sabe, saciar a sede de outrem. Quero me surpreender com as potências criativas tão específicas e individuais, e quero ajudá-las, mesmo que minimamente, a se concretizarem. Quero, da maneira que posso, ir à luta e batalhar ao lado de todos os oprimidos contra as hierarquias de poder, horizontalizando o processo de educação. Sendo menos detentora de conhecimentos e mais provocadora de experiências.

E enquanto artista, espero produzir aquilo que nem espero ser possível. Quero me surpreender com as minhas potencialidades autofissionais. Quero

descobrir outras facetas da minha identidade. Quero tirar autorretratos ainda mais fantásticos. Assim como quero fazer música, pintura, vídeo esculturas e o que mais me der na telha. Quero dar vazão ao meu amor pela arte.

Quero ser ainda mais poeta, dramática e utópica, aproveitando aquilo que a juventude tanto tem para oferecer, a ingenuidade. E dela não me envergonho, porque caminho nos trajetos do conhecimento e a cada dia sacio a minha curiosidade de aprender. Este trabalho é apenas o começo de uma longa jornada de pesquisa, prática e experiência. E é belo perceber a infinitude de conhecimento e a profundidade do oceano de sabedoria; aqui da superfície vejo apenas uma imensidão de águas turvas a serem descobertas.

Olho um pouco para um futuro, já que tanto discorri sobre o passado e jorro um monte de querereres, desejos e possibilidades, que é assim que me movo no mundo. Quero me ver feliz e contente, realizada pelo enfrentamento de um gigante desafio. Me vejo pensando, por ainda muito tempo, como poderia ter escrito diferente e o que ainda necessitava desenvolver. Desejo saber que a perfeição é inatingível e que está no momento certo de terminar. Talvez, me doa o peito finalizar este processo tão imensamente importante sem me despedir do prédio, das salas, da Concha Acústica, dos corredores. Sem dar uma última olhada na UnB de Darcy, enquanto membro desta Universidade tão diversa e múltipla.

Algumas coisas acontecem com objetivos inexplicáveis. Apenas vivemos as consequências e nos adaptamos da melhor maneira possível. Assim como fomos surpreendidos por algo tão inimaginável como uma pandemia, algo mais pode nos surpreender. O futuro é tão incerto quanto a realidade é mutável. E eu me agarro a isso neste fim. À trans-formação.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNSTEIN, Ana. **A Performance Solo e o Sujeito Autobiográfico**. vol. 1. São Paulo: Sala Preta, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CARLSON, Marvin. **Performance: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. vol.2, 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

COHEN, Renato. **A Performance como Linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e Teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea**. São Paulo: Sala Preta, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCÍA, Flávio. **Fantástico: a Manifestação do Insólito Ficcional entre Modo Discursivo e Gênero Literário** - literaturas comparadas de língua portuguesa em diálogo com as tradições teórica, crítica e ficcional. Curitiba: UFPR, 2011.

GROFMANN, Ervin. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 6. ed. São Paulo: Editora Vozes, 1983.

KAFKA, Franz. **Josefina Cantora ou o Povo dos Camundongos**. 4. ed. Brasília: Editora Brasiliense.

KAPROW, Allan. **A Performing life** . ARS (São Paulo), [S. l.], v. 8, n. 15, p. 112-117, 2010.

KASTRUP, Virgínia. **A Atenção na Experiência Estética: cognição, arte e produção de subjetividade**. In: Revista Trama Interdisciplinar, v.3, n.1, 2012

LEITE, Janaina. **Autoescrituras Performativas: do diário à cena**. São Paulo: USP, 2014.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Cem Anos de Solidão**. 48. ed. Rio de Janeiro: Record, 1967.

MATURANA e VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento –as bases biológicas do entendimento humano**. Tradução: Jonas Pereira dos Santos. Campinas: Editora WORKSHOPS, 1995.

NASCIMENTO, Evando. **Autoficção como dispositivo: alterificações**. v.24, n.42. Rio de Janeiro: Matranga, 2017

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. Brasil: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?**. 1. ed. Brasil: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem Medo do Feminismo Negro?**. 1. ed. Brasil: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Ivan Marcos; CARNEIRO, Raphael Marco de Oliveira. **Fantástico ou Realismo Mágico? Um Estudo Sobre o Insólito Ficcional em o Curioso Caso de Benjamin Button**. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013

ROAS, David. **A Ameaça do Fantástico**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

RIBEIRO, Ivan Marcos; CARNEIRO, Raphael Marco de Oliveira. **Fantástico ou Realismo Mágico? Um Estudo Sobre o Insólito Ficcional em o Curioso Caso de Benjamin Button**. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

SCHECHNER, Richard, ICLE, Gilberto e PEREIRA, Marcelo A. **O que pode a Performance na Educação? Uma entrevista com Richard Schechner**. In: Revista Educação e Realidade. Porto Alegre: v.35, n. 02, p. 23-35, 2010.

“**A Respeito do Sorriso – Keep Smiling**”, 1977, Fundação Vera Chaves Barcellos, 2016, <http://fvcb.com.br/?p=10367> , Setembro de 2021.

BASTO, Márcio. “**A Pandemia Revelou o Poder do Convívio**”, Revista Continente, 2020, <https://revistacontinente.com.br/edicoes/240/ra-pandemia-revelou-o-poder-do-convivior> , Setembro de 2021.

FANTASIA. Michaelis, 2021, <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fantasia>, Maio de 2021.